





R618608



*Presented to the*  
**LIBRARY of the**  
**UNIVERSITY OF TORONTO**  
*by*  
**Professor**  
**Ralph G. Stanton**







# A HUMILDADE TRIUNFANTE,

E A SOBERBA CASTIGADA.

## HISTORIA DE ESTHER

Em oytava rima

OFFERECIDA

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

MANOEL TELLES DASYLVA,

MARQUEZ DE ALEGRETE, DO CONSELHO DE  
Estado, Camarista de Sua Magestade, de seu despacho, &  
Vêdor de sua Real Fazenda, &c.

COMPOSTA PELO

M. R. P. Fr. MANOEL BORRALHO,

Religioso da Ordem da Santissima TRINDADE da  
Redempção de Cativos;

*Dada à estampa*

Por MANOEL PEREYRA GAMBOA.



L I S B O A,

---

Na Officina de VALENTIM DA COSTA DE SLANDES,  
Impressor de Sua Magestade.

*Com todas as licenças necessarias.* Anno de M. DCCVIII.

ALHAMBRA  
THEATRE

THE  
HISTORIA  
OF THE

THE  
HISTORIA  
OF THE

THE  
HISTORIA  
OF THE

THE  
HISTORIA  
OF THE

THE  
HISTORIA  
OF THE

THE  
HISTORIA  
OF THE



## EXCELLENTISSIMO SENHOR:



**P**OUCO me devia o *Author* deste Poema, se agenceando-lhe a estampa, lhe não procurasse juntamente a protecção, tam importante aos que entregão o fruto de seus estudos ao Prelo, como certos effes dous grandes inimigos, que os costumão lastimar: a ignorancia, & a inveja, monstros, a que não domou a *Clava de Hercules*.

Não me deteve o cuidado de eleger, talvez porque lhe não pertencia o nome de eleyção a hũa vontade, que precisada da excellencia do objecto, não podia deyxar de o admittir como bem mais conveniente, nem o entendimento, ainda depois de o conferir com os mais perfeitos, propor outro melhor, ou attendesse ao esplendor do sangue nobilissimo, ou à eminencia do lugar, ou a tantas, & tão heroycas virtudes, como as que no generoso animo de V. Excellencia conspirão a formar hum centro, desde o qual se diffundão para a admiração, quando se difficultem para o exemplo.

Sò podia consistir a duvida em se querer dignar V. Excellencia de amparar o livro. Mas, como podia

não querer, quando ampara o Reyno? E o são a me-  
lhor parte deste, os que escrevem os livros, E cultivão  
as sciencias. Não se começa a servir logo que se princi-  
pia a estudar; mas he necessario (como affirma hū Virgil.  
Malu.  
grande politico) para servir bem, ter estudado.

Donde se infere, que necessitando o Reyno dos que estu-  
darão, para ser bem servido, E tendo V. Excellencia  
tanto à sua conta patrocinar os que bem o servem, com  
justa confiança busco para o Author deste livro o ampa-  
ro, de que em commun estava já de posse.

Se entendêrão muitos, que o dedicar as obras, que  
escrevêraõ, era obsequio à pessoa, a quem os dedicavão:  
se o julgãrão outros por desempenho do que devião; não  
me he licito a mim entender, E julgar desta maneyra;  
porque o que hade merecer nome de obsequio, deve ser li-  
vre de todo o interesse, E são muitos os que pretende  
esta dedicatoria; como o triunfar de calumniosos, E  
presumidos com as armas de hum respeyto soberano: con-  
fundir a ignorancia com a qualificação de hum entendi-  
mento tão admirado, E applaudido como o que V.  
Excellencia logra. E para desempenho, qual o poderá  
ser a tanta obrigação, como pública dever a V. Excel-  
lencia todo este Reyno, quando o considera Arbitro de  
suas felicidades, ou votando nos conselhos, ou na ad-  
ministração da Real Fazenda, que governa? lugar não  
menos eminente, que occasionado ao precipicio da opi-  
nião, E consciencia, E em que V. Excellencia pôde le-  
vantar trofeos ao seu desinteresse, E rectidão.

Não

Não trato agora da jornada de Alemanha, em que V. Excellencia deu bem a conhecer o zelo de seu invicto animo, não se poupando a caminhos tão dilatados, por gratificar a affectuosa vontade de hum Rey que o amava, porque o conhecia; E porque o conhecia, lhe encomendava negocios, que não pezavaõ menos que o lustre, E aumento de sua Monarquia. Não se governa o mundo por fado, como entendeo a superstição dos Ethnicos; huma celeste providencia o dirige por sujeitos, que sendo idoneos, E sabios, o conduzem a felicidade dos successos. E foy tal a deste, que per V. Excellencia conseguimos, como a prometia a relevante capacidade, E sabedoria do sujeito da eleição.

Até aqui, Excellentissimo, Senhor, em quanto à divida de todos, ou de todo este Regno. E pela que pertence ao Author do livro, sò poderey dizer, que quando lhe communiquey o meu desigño, me respondeo, que a ser elle o que procurasse a estampa a esta sua obra, não elegia outro Mecenas; porque, além dos respeytos referidos, era a sua Religião insignemente obrigada a V. Excellencia, a quem devia conciliar-lhe o animo do Rey para todo o genero de merces: ja livrando-lhe a fazenda perseguida de iniquos delatores: ja nas promoçoens do Illustrissimo Senhor D. Frey Luis da Sylva aos Bispados de Lamego, E da Guarda, E ultimamente à Metropoli de Evora, nos dous primeyros incomparavel esmoler, E no ultimo com tanta mayor munificencia, quãto eraõ mayores as rendas desta Mitra; E

*tam affectuoso sempre com a Religião da Santissima Trindade, que a este singular esplendor, & memoravel lustre, q por V. Excellencia a engrandece, acrescenton a honra da promoçã do Illustrissimo Senhor D. Fr. Domingos Barata, eminente Theologo da mesma Ordem, ao Bispado de Portalegre, devido ao voto, & insinuação de V. Excellencia.*

*Estes motivos, assás recopilados do immenso, que de V. Excellencia se pôde referir, me disculpão a offerta deste pequeno livro, que na inscripção de tão respeitadonome, não consegue menos que hum diploma para correr inoffenso de calumnias, que, ou dissipará quando se atrevaõ, ou não permitirá que se declarem: como nem a mim a propria rudeza tratar mais condignamente dos meritos de V. Excellencia, que se deviã sò fiar a hũ engenho, que tendo na mão huma penna das azas de Mercurio, esta o fizesse voar com mayor felicidade por esfera tam immensa.*

*A pessoa de V. Excellencia nos guarde o Ceo para o bem destes Reynos por dilatados annos.*

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

De V. Excellencia o menor criado

Manoel Pereyra de Gamboa.

# PROLOGO.

**A** AMIZADE, que por occasião do parentesco, contrahi com o Author deste Poema, (que não merece menos nome) me facilitou a noticia, de o haver escrito no ocio de outros estudos, que exercitou com grande credito entre os doutos, & discretos, querendo, q fosse tambem estudo o mesmo ocio, & o estudar o seu descanso; proprio genio dos que nascem para a cultura das letras, pois sem este apenas se tocam os limites de hũa mediania no saber. Não me occupo agora em applaudir o livro, que per si se faz plausivel. Sò direy, que me admiro, de que nas horas, em que menos quiz fazer, fizesse tanto, como inculca o mesmo livro; & muito mais, q conhecendo o que valia, tivesse pensamento, de que o retiro de hũa gaveta lhe servisse de perpetua prizaõ. Confesso, que estava neste caso para reprehender a sua injustiça; mas contento-me com libertar a obra da prizaõ desmerecida, & que a voto de muitos affas peritos na Arte da Poesia, & noutras muitas, he digna de apparecer entre as melhores delicias do Parnaso, como ramalhete composto das mais vistosas flores de seus fragrantos bosques.

Era tam propria esta historia para o metro, que

naõ duvido, tenha já considerado, quem a chegou a  
ter no seu original, que a mesma penna do Escriptor  
sagrado, deyxando a moderação tão observada dos  
Historiadores, se remonta em elegancias poeticas.  
Esta, infiro eu, seria a causa porque este singular  
engenho a escreveo em verso.

Porém quando não tivesse outra mais que a  
propensão à suave cithara de Apollos, quem poderá  
negar ser esta em seus armonicos acantos a me-  
lhor delicia dos ouvidos? Com esta se deve entender,  
que reduzio Orfeo varias gentes de costumes barba-  
ros a hum viver politico, attrahidos a ouvir na do-  
çura do metro aquellas regras, & dictames, que igno-  
ravão, ou que aborrecião. Nem quanto os antigos  
escrevêraõ era menos, que em verso, & Ferecides  
o primeyro, que escreveo em prosa, livrando os que  
o imitaraõ de hum empenho para muitos quasi insu-  
peravel.

O grande lugar, que deve ter o metro no divi-  
no, nos declaraõ Syneffio, & Juvenco, que comen-  
taraõ em verso o Evangelho: o insigne S. Maximo, &  
São Damato, que não se dedignaraõ de que appa-  
recesse o casto louro de Apollos, onde se via o esplên-  
dor da Mitra, & da Tiara: & do cap. 14. de São  
Marcos se colhe, que foy metro o, que compoz, &  
entoou a eterna Sabedoria na instituição do sobera-  
no Sacramento, seguindo-o seus Discipulos sagra-  
dos. Plataõ dizia, que se os Deoses viessem conver-  
sar




sa com os homens, em verso haviaõ de fallar. E eu digo, que não devia o Parnaso corresponder-se, senão com o Empyreo.

Se pertences à Gerarquia dos Doutos, & discretos, para conhecer, & distinguir estylos, no desta Poesia podes ver, que se accomoda seu Author a hum meyo entre o artificioso, & o natural; quero dizer, a hum estylo, que nem sempre se remonta, mas nunca se abate; porque ao primeyro (a que nestes tempos adiantou muito o culto Gongora) facilmente se segue o enfado, & muitas vezes a molestia, pelo que cança a attenção dos mesmos, que se prezão de discretos, & para os ineruditos he hũa estranha lingoagem, sem tratar de outros perigos, de que se não livrão (ou he com muita difficuldade) os do estylo culto, em que pelo incessante das metaphoras, se obrigaõ a impropriedades, não sem conhecida violencia dos soantes, & hum continuo desterro de adjectivos, como bem notou o nosso insigne Historiador, & universal Faria, quando no segundo, que he o facil, & natural, deleytando com a elegancia, sempre propria do Poeta, attrahe com a clareza, como se conhece no agudissimo Camoens, Montemayor, Garcilasso de la Vega, & no copioso Lope, todos admiraveis, cujo verso parece huma prosa em consonancia.

Porém adverte, que como diz Lourenço Gracian na sua Arte de Agudeza, o conceyto he alma do

do estylo, & as frases elegantes, & figurados modos de dizer, sem a agudeza dos pensamentos, he huma rethorica material, porque a formal são os conceytos, & esta o principal estudo do Poeta. E se com razão differeão ser a Poesia pintura, que fallava, & a pintura poesia muda; com a mesma me parecia a mim dizer, que essa rethorica, & enfeyte da locução onde faltaõ os conceytos, he na pintura poetica, o que na outra as boas tintas, sem o primoroso do desenho, que he o espirito do copiado.

Finalmente, quando sejas dos q̃ (como a Republica) daõ preço aos livros pelo papel, que está escrito, não deyxarey de te advertir, que a mesma uniaõ, que tem o excellente com o raro, se vê entre o precioso, & o pequeno. O Panegyrico de Plinio a Trajano, o livro de Consolação de Boecio, a vida de Agricola, de Tacito, a do Conde Duque de Malvezzi, o Heroe de Lorenço Gracian he o melhor que estes singulares engenhos escrevèraõ, & tambem o mais abreviado. E concluo com dizer que quando configa de ti este livrinho o applauso, que merece, além de te desempenhar da obrigação, em que te cõstitue o teu antigo titulo de benevolo Leytor, será tambem o credito do conceyto, que fiz delle; nem seu Author se reconhecerà em menos divida, porque nenhum escreve tão desinteressado de louvor, que, quando não seja a ambição deste o fim total de seu desvelo, deyxе de o admittir como premio gratissimo.

  
*AD MODUM R. P. FR. PAULI*  
*De Almeida Artium Lectoris in Conimbri-*  
*sensi Sanctissimæ Trinitatis Collegio, in*  
*tanti operis Authoris laudem*

## EPIGRAMMA.

**S**iquis in hoc plectrū, cantumq; accōmodat aures,  
Doctior Author adest, pulchrior Esther abit.  
Ista inter pulchras merito nunc pulchrior adstat,  
Inter Sicelides doctior ille sonat.  
Jure quidem, fateor, tot jam dotata per artes  
Plauditur inge nio culta Puella tuo.  
Dum sic Persarum imperio Regina triumphat,  
Tam pulchra ac humilis parta trophæa tulit.  
Dum sic Laurigeri superas tu numina vatis,  
Hic calami est meritis summa petentis honor.  
Sese submittens Sceptrum tenet illa, Coronam  
Ast tibi grandifono Callioppeia dabit.

*AD MODUM R. P. Fr. AUGUSTI-  
ni à Sancta Maria Ordinis Sanctissimæ  
Trinitatis in laudem Authoris exi-  
mij poematis pulcherrimæ  
Estheris*

## EPIGRAMMA.

**E**Ximia specie potuit denire Tyranni  
Esther si furias, pectora dura trahens;  
Versibus ipsa tuis multò speciosior adstat,  
Cunctorumque oculis nunc magis ipsa placet.  
Jam merito vates mendacia quæque profani  
Dicentes fileant, plectraque victa cadant;  
Noster enim metris sapiens modularis Apollo  
Quod Scriptura refert, sacra Fidesque docet.  
In duo divisum celeri jam fama volatu  
Hocce poema tuum fert ad utrumque polum.

DE TROILO DE VASCONCELLOS  
da Cunha em applauso do Author do  
Poema de Esther

S O N E T O.

**D**ivino Orfeo, que ânima sacro alento,  
Rompe o silencio armonico, E facundo,  
Onde emulo do altiloco o profundo  
Excede a realidade o pensamento.

A ti por singular entendimento  
Sò compete este emprego sem segundo,  
Que da Fama pregaõ, que assombra o mundo,  
Fora hum portento, e de outro portento.

Igualmente em reciproca vitoria  
Desse nome immortal a fama voa,  
E da famosa Esther voa a memoria;

Pois ao som do clarim, que aos dous pregoa,  
Do grande assumpto admira o mundo a gloria,  
Do heroico plectro a fama o mundo atroa.

DO BENEFICIADO FRANCISCO

Leytam Ferreyra em applauso do

Author

S O N E T O.

**D** Etende o voo, em que subis altivo  
Alem do cume ás Musas consagrado;  
Pois quanto mais vos vejo remontado,  
Ficais a meu discurso inacessivo.

Mas que digo? subi; que esse festivo  
Coro ja vos acclama, E quer laureado  
De esplendores do Deos, que vio trocado  
O desdem da sua Dafne em louzoresquivo.

Só com rayos de Febo â vossa fronte  
Laurel a eternidade tecer deve  
Como a Sol do poetico Orizonte;

Pois quando o engenho vosso ardente escreve  
De Esther a vida, de Aganipe a fonte,  
Desfata a tanto ardor quanta tem neve.

DE MANOEL NOGVEYRA DE  
Souza em applauso do Author deste  
Poema

S O N E T O.

**F** Eniz sagrado, Cysne Religioso,  
Que igualmente por unico, & suave  
De hũa, & outra purpurea, & candida Ave  
Tendes o singular, o armonioso.

Sublimada por vós, por vós glorioso,  
A Patria esclarecida, o Tejo grave,  
Os tempos ennobreça, os campos larve  
Mais que a Arabia feliz, que o Pô famoso.

E bem que de hũa, & outra pluma estranha  
He harmonia o fim, he vida a morte  
Com applauso immortal, com doce encanto;

Cysne de Lysia vós, Feniz de Hespanha  
Lograi deste, & daquelle a melhor sorte,  
Sem fim a duração: sem morte o canto.

DE PASCOAL RIBEYRO COVTI-  
nho applaudindo o Poema, que es-  
creveo da Historia de Esther o

R.P.Fr. Manoel Borralho,

## S O N E T O.

**V**Io Mardoqueo no sono mais profundo  
Clara fonte, que se aumentava em rio, Esth.  
cap. 10  
E convertendo em Sol o cristal frio,  
Ao triste Mardoqueo deyxou jucundo.

Neste heroyco Poema admira o mundo  
Outra fonte, que causa inveja a Clio:  
Outro Sol com mais nobre senhorio:  
Outro rio com curso mais fecundo.

Tudo ( porque Lisboa glorias conte )  
Temos neste compendio de sciencia,  
Parto heroyco da mais insigne fronte;

O Sol no Author se vê com evidencia,  
No assumpto, que elegeo, a clara fonte,  
E o rio no profundo da eloquencia.



DE ANTONIO RAPOSO DE ANDRADA  
Tenente da Guarda Real Portugueza applau-  
dindo o Author

D E C I M A S.

I  
**A** PPlaudir vossa Camena  
(O' novo Apollo) he demais,  
Quando vejo vos louvais  
Pela vossa mesma pena;  
Quanto neste livro ordena  
Versos vossa erudição,  
Louvores proprios serão,  
E maravilha não vista,  
Que em louvor proprio consista  
De alguém seu mayor braço.

2  
Sò direy que justamente  
O escrever oytavas préza  
Vossa Musa, pois se péza  
O ouro assim cõmummente;  
E ainda que o excellente  
Destas não chego a explicar  
Em meu verso, heyde afirmar,  
Que serão por admiradas  
Igualmente, que sagradas,  
Sempre oytavas de guardar.



# L I C E N Ç A S

## Da Ordem.

*Cenjura do M.R.P. Prêgador Gêral Fr. Jeronymo de Azevedo, Definidor primeyro da Ordem da Santissima Trindade.*

Satisfazendo ao que V. P. M. R. me ordena, li com toda a attenção este Poema composto pelo M. R. P. Prêgador Gêral Fr. Manoel Borralho, pessoa de tão conhecida ciencia, & engenho, que o seu nome he já huma qualificada informaçã de seu acerto em tudo o que escrever. Eu confesso, que não podia haver para mim mais gostosa obediencia, que a commissão desta centura, a qual para satisfazer ao merecimento da obra, toda se devia converter em elogio, pois constão de trezêtas & sessêta & tres, oytavas todas são exornadas de conceytos muito singulares, sentenças muito doudas, politicas muito finas, & moralidades igualmête proveytosas, arguindo como excellente Logico, discorrendo como cabal Theologo onde o pede a contextura do Poema, sem que lhe falte onde descreve, pinta, & compara, a gala de huma locuçã figurada, & elegante; & quando conta, a de hũ estylo facil, & natural, descobrindo na esterilidade das vozes do nosso idioma Portuguez todas as que lhe erã necessarias para se declarar com propriedade, & elegancia sem a menor violencia de soantes em tanto numero de oytavas, nas quaes nem hum apice descubro, que encontre a pureza da Fé, & bons costumes; & sô para as louvar, como julgo que merecem, quizera aquellas linguas, que se desejava multiplicar o Mantuano em empenho semelhante. Pelo que sou de parecer, que

V.P.

V.P.M.R. não sò deve conceder a licença, que se pede, mas agradecer tambem o zelo, & trabalho de quem (já que o Author, sendo em tudo pontual, sò quiz ser omisso nesta parte) toma por sua conta dar ao Prelo esta obra, porque se dê a conhecer, que em toda a materia tem a nossa Religião fugey. tos, que a illustraõ. Lisboa, neste Convento da Santissima Trindade em 16. de julho de 1707.

Subdito de V.P.M.R.

*O Pregador Geral Fr. Jeronymo de Azevedo.*

---

**C**Oncedemos a licença, que se pede, tendo as mais licen-  
ças necessarias. Lisboa, neste nosso Convento da San-  
tissima Trindade, aos 16. de Agosto de 1707.

*O Provincial.*

~~~~~

### Do Santo Officio.

*Censura do M. R. P. M. Frey Joseph do Espi-  
rito Santo.*

ILLUSTRISSIMO SENHOR:

**P**Or ordem de V. Illustrissima li esta Historia de Esther  
em oytava rima; & não achey cousa alguma contra nos-  
sa Santa Fè, ou bons costumes, salvo, &c. Lisboa, Conven-  
to de N. Senhora de Jesu. 30. de Septembro de 1707.

*Frey Joseph do Espirito Santo.*

*Censura do M.R.P.M. Sebastião Ribeyro, da  
insigne Congregação do Oratorio.*

ILLUSTRISSIMO SENHOR:

**P**Or ordem de V. Illustrissima li com attenção, & gosto  
o Poema composto pelo M.R.P. Manoel Borrallho da Or-  
dem

dem da Santissima Trindade. Nelle não achey cousa contra  
nossa Santa Fè, & bons costumes: antes com o deleytavel  
da historia ornada de muita erudição sagrada, & humana:  
com o elegante, & suave do metro, com o sentencioso dos cô-  
ceytos deleyta, & juntamente instrue os animos, para que se  
fundem na verdadeyra humildade, & confiança em Deos, uni-  
cos instrumentos com que se segura a roda da Fortuna de-  
forte, que não defande em nossa ruina. Nem escapou à sum-  
ma advertencia do Author formar do argumento deste livro  
outro com q̃ no fim d'elle por Apostrophe aos Judeos conven-  
ce a sua cegueyra, & pertinacia; & he o mesmo de que usou o  
Doutor Maximo da Igreja São Jeronymo; porque se  
no tempo de Esther, & em todo o mais em que por  
diferentes vezes por justo castigo de sua idolatria  
estiveraõ fugeytos a Reys estranhos, sempre Deos os  
ouvio para os aliviar, & livrar de seu cativeyro; nenhum ou-  
tro peccado, sobre a malicia da idolatria, que os Judeos abo-  
minão ha tantos seculos, pôde avultar para o castigo, que pa-  
decem, que o Deicidio, que commetteraõ, crucificando o  
mesmo Filho de Deos, & perseverando hoje na mesma incre-  
dulidade, & odio a nosso, & seu Salvador JESU Christo.  
Pelo que por nenhum principio se deve negar a licença para  
se imprimir este livro, em cuja lição se pôde empregar a curio-  
sidade sem perigo, & não sem fruto. Isto he o que me parece.  
Lisboa Congregação do Oratorio, em 7. de Abril de 1708.

*Epist.  
ad Dur-  
dan. in  
fin.*

*Sebastião Ribeyro.*

**V**istas as informaçoes, pôde-se imprimir a Humildade  
Triunfante de que trata esta petição, & impressa tor-  
narà para se conferir, & dar licença, & sem ella não correrà.  
Lisboa 10 de Abril de 1708.

*Carneyro. Hasse. Monteyro. Ribeyro.*

*Frey Encarnaçãõ. Rocha.*

## Do Ordinario.

**P**Ode-se imprimir, & depois de impresso tornarà para se conferir, & sem isso não poderà correr. Lisboa 15. de Mayo de 1708.

*Sylva.*

## Do Paço.

*Censura do Desembargador Gonçalo da Cunha  
Villas-boas, Corregedor do Civel da Corte.*

**D**E rigorosa justiça commetteo V. Magestade a censura deste livro à minha profissão, porque a profissão das Leys lá tem hum grande parentesco com a nobreza da Poesia; & tão grande, que o Emperador Justiniano achou a mayor parte do Direyto Civil escrita em mais de trezentos & dez mil versos, como elle mesmo refere na confirmação dos Digestos nas seguintes palavras:

*Et plusquam trecenties decem millia versuum,  
quæ necesse esset omnia & legere, & per-  
scrutari.*

De que se mostra que tambem os antigos Jurisconsultos toraõ Poetas; & concordaraõ estes tão elegantemente a severidade das Leys com a suavidade dos versos, que por muitos seculos serviraõ as syllabas de Textos.

Tubal neto de Noè, que foy o primeyro que deu Leys ao mundo depois do diluvio universal, escreveo as suas Leys em verso, como refere com muitos, & graves Authores Antonio de Sousa de Macedo no seu Tratado de *Ave, E Eva Part. 1. Cap. 11. §. 5* & tanta estimaçaõ teve sempre a Poesia na opiniaõ da Jurisprudencia, que muitas vezes se valeraõ as Decisões juridicas das authoridades Poeticas.

Confirma-se esta verdade por disposiçoens expressas do mesmo Direyto: *Ex princip. Instit. de jure naturali §. sed jus quidem*, ibi:

*Subauditur apud Græcos egregius Homerus ;  
apud nos Virgilius.*

*Textus in leg. qui venenum 236. ff. de verbor. significat. ibi:*

*Admonet nos summus apud eos Poeta Homerus.*

*Textus in leg. In tantam 6. §. final. ff. de rerum division. ibi: Sicut testis in ea re est Virgilius.*

*Instit. de lege Aquilia, ibi: Sic denique E Homerus in odyssæa ait.*

*Textus in leg. aut facta §. eventur. ff. de pœnis, ibi: Ut apud præcipuum poetam scriptum est.*

Ministro da mayor supposiçaõ foy Moysés no povo de Deos, & prezou-se muito de haver sido Poeta diante do Senhor: *Cecinit Moyses carmen Domino. Exod. cap. 15. verso 1.*

Não he logo alhea da nossa profissãõ esta censura,

ra, antes fez tanto caso da Poesia o nosso Direyto Civil, que revestio das authoridades Poeticas a sua contextura.

Nem he de menos estimacão o religioso estudo, com que o Author deste livro escreveo em verso heroyco o Real assumpto do seu Poema, porque a mesma Igreja no differente metro dos sagrados Hymnos, costuma offerecer a Deos os mais religiosos, & reverentes cultos, como tambem os dedicava nos Psalmos, & Canticos que compoz, insigne Poeta, o S. Rey David, como diz o Paralipomenon no l. 2. c. 7.

*Sacerdotes autem stabant in officijs suis, & levita in organis carminum Domini, quae fecit David Rex ad laudandum Dominum.*

E se os Reys, & os Santos fazem versos para louvar a Deos; & os Jurisconsultos estabelecem em verso as suas Leys para governar o mundo; não he menos digna de louvor esta obra, em que o Author com tanta erudição, & elevação de espirito empregou a sua religiosa occupação.

Converta-se pois a censura do livro nos elogios que merece a obra; registre-se o livro nos volumes da eternidade; voe nas azas da fama; coroe-se com os louros de Apollo; canonize-se com os creditos da Religião, gloriosa Mãe de hum tão egregio filho, & V. Magestade lhe deve conceder a licença que pede,

de, porque não achei em todo elle circumstancia alguma que seja contra o Real serviço de V. Magestade. Lisboa 6. de Junho de 1708.

*Do Corregedor do Cível da Corte*

*Gonçalo da Cunha Villas=boas.*

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará á Mela para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa, 11. de Junho de 1708.

*Duque P. Oliveyra. Lacerda. Botelho.*

**E**stá conforme com o seu original. Lisboa na Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia 6. de Agosto de 1708.

*D. Antonio Caetano de Sousa.*

**V**isto estar conforme com o original, pôde correr este livro. Lisboa 7. de Agosto de 1708.

*Carneyro. Moniz. Hesse. Monteyro. Ribeyro.  
Rocha. Fr. Encarnação.*

**P**ode correr. Lisboa 11. de Agosto de 1708.

*Sylva.*

**T**axaõ este livro em co. reis. Lisboa 11. de Agosto de 1708.

*Duque P. Oliveyra. Lacerda. Botelho.*


**ERRATAS NA SEGUNDA PARTE.**

Depois da Oitava 78. lea-se a Oitava 82. que se pospoz por inadvertencia. Na Oitava 16). v. 3. onde se repete a palavra soberano. Lea-se sobre humano.





## I

 *V*asto Imperio, que do Inviçto Belo  
 Essa, que o nome seu segue gloriosa  
 Fadiga, dilatou ao paralelo  
 De quanto tem por berço a luz fermosa;  
 Até o vil Tonoscon, que ao nobre anelo  
 De Mavorte prefere a injuriosa  
 Palestra, onde são as armas flores,  
 A belleza o contrario, o assalto amores.

## 2

*F*à de Assuero, a quem do egregio Cyro  
 O sangue caracteres rubricava  
 De valor, que das veas no retiro  
 A generosa alma interpretava,  
 Leys recebia, & no immenso giro,  
 Que do Indio dista o Ethiope, aumentava  
 Da Fama, que no aplauso seu se esmera,  
 Voz ao clarim, & ao uoo esfera.

Cocio  
 Abicid.  
 3. lb. 14.

# 2. lo. Historia de Esther

3

Este Monarca pois sempre a mais nome  
Anelando, em hum celebre convite  
A innumeraveis saciando a fome,  
De fama quiz saciar seu apetite;  
E sem fazer reparo, em que consome  
Thesouros, que imagina sem limite,  
Que sua mesa vio, quer, que se conte  
Quanto o ar corta, o mar fende, e piza o monte.

4

Não se vio casta de voadora que  
Não houve especie de nadante peixe,  
Que ou por grandeza, ou por sustento sua ve  
De apparecer neste convite deyxou;  
Quadrupede nenhum, que a selva grave,  
Ou manso o abrigue, ou feroz o anexe,  
Sacrificio deyxou de ser severo  
A larga vaidade de Assuero.

5

Se o Fenix, que com tanto defafogo  
 A voluntaria morte se convida,  
 E de hum Pay tam esteril, qual he o fogo,  
 Recebe novamente a doce vida:  
 Se o Pelicano, a quem o mudo rogo  
 Dos filhinhos no peyto abre ferida,  
 Não são parto hum, & outro à natureza  
 Suposto, exposto o forão nesta mesa.

6

A ter montes a Lua, a ter outeyros, Xenophon.  
 Como quiz opiniaõ pouco acertada,  
 Lá mandara Assuero os seus monteyros,  
 A buscar nova caça, & desusada:  
 Se o neectar, & a ambrosia verdadeyros  
 Fulgàra ser, da etherea morada  
 Os mandaria vir, que a esse Emisferio  
 Chega o delirio seu, senão o Imperio.

# 4 Historia de Esther

7

*Mas que ludibrio teu Ósorte humana!  
Que escandalo em teus largos pensamentos,  
Ser de tua vaidade a gloria insana  
Hum, que fizeste, roubo aos Elementos!  
Se o mar cobres de laços, da leviana  
Seta os ares, & os bosques mais isentos,  
Para alentar na mesa, a que convidas  
Com milhares de mortos breves vidas.*

8

*Hum exercito cinge de criados  
As regias mesas, que na bateria  
Quanto continua mais, mais esforçados  
Os mesmos, que a recebem, conhecia;  
Era em humis para ver, como alentados  
Sostinhaõ a gratilissima porfia,  
E esses não menos, que deyxando o posto,  
Fã da vão costas, já faziaõ rosto.*

Entre

Entre delicias tantas, com grandeza  
 Igual ao mais, o fruto se reparte;  
 De que, se doce prato a natureza,  
 Mais doce copo offerece a arte;  
 Desse, a que a verde estirpe mais nobreza  
 Cõmunica, & em que sò o Rey tem parte,  
 Aos convidados todos se apresenta  
 Opinião, que a sede lhes augmenta.

IO

De Assuero a soberbissima morada,  
 Na traça labyrintho, & no que brilha  
 Cidade de ouro às nuvens levantada,  
 Vencendo as sete oytava maravilha:  
 Nembroth dos edificios, que a elevada  
 Grandeza dos mais celebres humilha,  
 Ou já outro Zodiaco se crea,  
 Por onde o Sol do Rey tambem passeia.

## I I

Era o lugar do celebre convite,  
 Bem que outro em qualquer sala se offerece  
 Ao sentido, em quem seu appetite  
 Tanto he mayor, quanto o objecto cresce;  
 Nunca da nova ignaria o invite  
 Com fastio o encontra, nem conhece  
 Gasto ao que gosta, & para mais nobreza  
 Duas meninas o servem sempre á meza.

## I 2

Deste pois nessas salas à porfia  
 O gosto em pinturas se empregava,  
 Em que ao tacto só temer podia  
 O que o douto pincel equivocava;  
 Porque tão vivo o humano parecia,  
 Tão proprio o insensivel se ostentava,  
 Que a mesma arte, se hum pouco se esquecêra,  
 A verdade em qualquer desconhecêra.

131

Não foy por algum destes retratado  
 O racimo das uvas, que pendente  
 Da pampinea vara, o enganado  
 Passaro busca em voo diligente;  
 Porque nunca o painel foy rasgado  
 Do Zeuxis; que errar julga seu ciente  
 Pincel em o menino, a quem fiara  
 A fruta, que das aves não guardara.

14

Em outros a Real tapeçaria  
 Tanto mostrava do metal mais bello,  
 Que a muito com razão lhes parecia  
 Obra, não do tear, mas do martello;  
 O primor dos labores descobria  
 Entre artífices dous hum paralelo,  
 Da aurea materia o Sol claro,  
 De textura admiravel hum só raro.

## 15

Nas insignes memorias, que ostentando  
 Estão os Regios panos, o primeyro  
 Era o famoso Cyro, exercitando  
 No fingido hum Imperio verdadeyro;  
 Bem se vio no rapaz, que por que ao mando  
 Resiste seu, castigatão inteyro,  
 Que, com ser Rey por jogo, nesse trato  
 Não quer dar o respeyto de barato.

## 16

Admirado está o Avô (sem que o conheça)  
 Do que o pequeno rustico responde,  
 Mas não duvida, que o sayal lhe teça  
 Nuvem, que origem mais lustrosa esconde;  
 E ao Pastor cõminando, que obedeça  
 Em logo declarar a estirpe, donde  
 Cyro descende, ser o ramo nobre,  
 Que, porque o assombra quiz cortar, descobre.



17

Os do conselho seu mais adiante  
 O estão persuadindo a que não tema  
 O presagio fatal, porque he constante,  
 Que se comprio no rustico diadema:  
 Cede o Rey ao discurso delirante,  
 Ou cede aos segredos, que a suprema  
 Cortina esconde, a que a astucia humana,  
 Quando mais cuyda penetrar, se engana.

18

Fà outro rico pano collocado  
 No solio o mostra, de que ao Avô priva,  
 Mais, que da ambição, desse obrigado  
 Desejo da vingança, sempre viva:  
 He o aggravo caracter estampado  
 Na alma, que, ou por nobre, ou por altiva,  
 Ao sangue, quando já a morte alcança,  
 Encomenda mil vezes a vingança.

Gen. 4.

De

## 19

De seu esforço varios triunfos logo  
 Descobre o holoserico aparato,  
 Se das campanhas antes duro afogo,  
 Destas salas agora ayroso ornato;  
 Porque a guerra, esse monstro, que atroz fogo  
 Respira de cadaveres rodeado,  
 Tanto soe distar de grato a esquivo,  
 Quanto tambem de estar pintado, ou vivo.

## 20

Sobre a pyra fatal, supplicio horrendo,  
 A que o Rey vencedor o sentenceara,  
 Se vê Cresso tambem, já conhecendo,  
 Que Solon a verdade lhe falara;  
 Cyro lhe quer perdoar, porèm crescendo  
 O incendio, a piedade lhe estorvára,  
 Se hum chuveyro não mostra prodigioso;  
 Que o Ceo só sabe a tempo ser piadoso.

21

*A* Cyro se seguia esse famoso  
 Cambiſſes, de que inda hoje teme o Egypto,  
 Não menos de ſeu braço valeroſo,  
 Que da vara do Hebreo antigo aſlito;  
 Do Peluſio o diga eſſe eſpaçoſo  
 E infeliz campo do fatal conflito,  
 Onde ver não cuydava o Egypcio elangue.  
 Dous Nilos, hum de agoa, outro de ſangue.

22

*O* Rey vencido aos pés tem, recolhendo  
 As lagrimas no peyto em tanta magoa,  
 Como a de ver a filha já trazendo,  
 Onde antes o diadema, a jarra de agoa;  
 E ſe a deſtila de ſeus olhos vindo  
 Da pobreza o privado em dura fragoa  
 Não ſer, nos mostra aſſim, o Rey prudente  
 O que ſe chora, o mal, que mais ſe ſente.

Tam-

## 23

Tambem o Inviçto Histaspes se descobre,  
 Da gala de duas azas adornado,  
 Hũa, que a Asia, outra a Europa cobre,  
 Que em sonhos lhe deu já propicio ofado;  
 Mostrando està, que além da estirpe nobre,  
 O singular valor, de que he dotado,  
 Deve não menos ao criado afluto,  
 O claro Imperio, que a payxaõ de hum bruto.

## 24

Não era em outros vista menos grãta  
 O Xerxes, que ou de vãõ, ou de furioso;  
 Porque a ligada ponte lhe desfata,  
 Seus cristaes quebrar cuyda ao pègo undoso,  
 E logo com igual insania trata,  
 Grilhoens lançando ao fundo procelloso,  
 De aprisionar os pès do que em seus braços  
 A armada de mil nãos lhe fez pedaços.

25

De esmeralda, de pórfido, & safira  
 Das regias salas era o pavimento,  
 Onde o cinzel, que flores mil abrira,  
 Formára hum prado do Inverno isento;  
 Se tanto não he já o que delira  
 Da vãa soberba o largo pensamento,  
 Que, no que abate essas luzes bellas,  
 Se quer persuadir, que piza Estrellas.

26

Dos leytos, brando assento, & costumado  
 Nesses convites da Asiana gente,  
 Não tinha em muitos outro experimentado,  
 Que de Cynthia o metal, da lima o dente.  
 Só o numero seu, que o imaginado  
 Excedia, podéra tão sómente  
 Tanto preço abater, que o innumeravel  
 Priva a mesma riqueza do estimavel.

Tam-

Tambem deffo, a que o filho de Lataim, o  
 O ser communicou, e q' a cor preclama, e  
 E entre os de escuro vulto he a que a zona  
 Mais ardente se de de linda cara,  
 Se ostentaõ muitas, e em qualquer se abona  
 O Artifice tanto, que estimara  
 O Sol, vendo o louvor, que a effoutro sobra,  
 Fosse mais sua, que a materia, a obra.

Nos pavellões a alta bordadura,  
 Do precioso aljófar persuadia,  
 Que este nas aureas ondas, que a textura  
 Com primor debuxava, lhes nascia,  
 Dignamente á pompa, e ferinosas  
 Das mesas se dedicação, pois seria,  
 Se estivessem ao sono destinados,  
 Agravos os olhos tenahi cerrados.

29

Não erão poucos os que achavão mesa  
 Nos jardins admiráveis, onde a arte que  
 Socorrendo engenhosa a natureza,  
 Era da maravilha a melhor parte;  
 Pois quanto de algum modo com rudeza  
 Inculta esta produz, essa o reparte;  
 E traça tão sutil, que pelo invento  
 O que era natural, fica portentoso.

30

Dos jardins aumentavão os lagos  
 Varias fontes de pedras peregrinas,  
 Que despedião de seus duros seios  
 Brando alimento á copia das boninas;  
 Não alegravão pouco o gesto foyor  
 De alguns peixes, que as ondas cristalinas  
 Despedião, mostrando com verdade  
 Que ha também fermolura na fealdade.

Mes

## 31

*Mas se da undosa prata, que baxava,  
 Das plantas se alentava os verdores,  
 Pela que altiva ao Ceo se remontava,  
 Vinhão do Sol mais brandos os ardores:  
 Vista tão singular não se mostrava  
 Que, a destes cristaes puros, que entre as flores,  
 Ou subão leves, ou ja de sção graves,  
 Huns se tornão serpentes, outros aves.*

## 32

*Do excellente metal, que o Sol retrata,  
 As taças ricas nas soberbas copas  
 Essa vista formavão bella, & grata,  
 Que dos baxeis no mar as aureas popas;  
 Outras erão huns montes, que de prata  
 Cobrião varias, & galhardas tropas,  
 Milicia, que com mais seguro effeyto  
 Costuma conquistar o humano peyto.*



33

Da musica o armonico concerto,  
 Que à delicia da mesa se ordenara,  
 Melodia syrena, o mais attento,  
 Nesse mar de iguarias, o julgara;  
 E a chegar onde o Imperio logra o izento  
 Plutaõ lá sobre as almas, libertara  
 Não hũa só, como do Tracio o canto,  
 Mas quantas esse Reyno tem do espanto.

34

A quanto ha Nobre, Grande, & Potentado  
 No vasto Imperio mostra a regia mesa,  
 Que, onde mais sobir pôde o exagerado,  
 O prologo não faz desta grandeza;  
 E do real vencido o imaginado,  
 Conhece nesta acção, ser com largueza  
 E inimitavel pompa, ao appetite  
 De todos os sentidos hum convite.

## 35

Cento e oytenta vezes já trocava

Por prata Febo seu immenso ouro;

E outras tantas do Oriente se tornava

Com igual cabedal, igual thesouro;

E ainda no convite em que ostentava

Assuero seu poder, tem por desdouro,

Que esse, que o Nobre, por q' o goza, o acclama,

Os da plebe o conheçaõ sò por fama.

## 36

De sete dias mais quiz que o espaço

Lugar dé, que de Suza o Povo extenso

Goze as reaes delicias, onde escaço

Se julga, senaõ sobraão ao immenso;

Nem outro já se via, que ao seu Paço

De hum numerozo exercito o infenso

Assalto; mas o Rey, que o de soldados

Não teme, o estima ter de convidados.

Esse,

37

Esse , que em sua mesa saciava  
 Hum Povo immenso, & a fome , que padece  
 De louvor lisongeyro , não bastava  
 Quanto este a boca chea lhe offerece ;  
 A buscar nova causa se applicava  
 Do vanissimo applauso , que apetece ,  
 Mas tal , que o suppoz gosto, & acabou pranto,  
 Cuydado foy delirio : ouvido espanto.

38

Era entre os Persas ley, que recusado  
 Não fosse por alguem o desvario  
 Desse mais que , de corpo a corpo , errado  
 De copo a copo , grato desafio;  
 Quiz porèm Assuero exterminado  
 Da regia mesa este imprudente brio,  
 Que logo , que a medida justa excede,  
 Furioso tambem a espada mede.

## 39

*Sem duvida lhe lembra o desatino*

*Desses, que ao Macedonio já mandara*

*Dario embayxadores, que o benigno*

*Favor profanaõ, com que os hospedara;*

*Vingado logo dos, que o feminino*

*Vestido occulta, & a industria armara,*

*Tirandolhes das veas com carinho*

*Falso, no impuro sangue o puro vinho.*

## 40

*Mas o Rey, que intentou com tanto acerto,*

*Que na esplendida mesa, que offerece,*

*Lugar não tenha o ebrio desconcerto,*

*Que a dos Lapitas já tanto escurece;*

*Mostrou logo, saltando ao justo aperto*

*Da ley, que nobremente estabelece,*

*Que esta nunca à Republica aproveyta*

*(Se não se observa bem) só por bem feyta.*

## 41

Nem sem o exemplo real, bem que em diamante  
Se chegasse a escrever, será guardada  
Mais largo tempo, que se na inconstante,  
E facil onda já fora dictada;  
Antes o que obra o Principe, o constante  
Dictame será sempre, & a observada  
Ley do vassallo, que se persuade,  
Se ennobrece imitando a Magestade.

## 42

Este Monarca pois, que o generoso  
Timbre, em que Apollo seu pezar desconta,  
Quiz trocar pelo pampano ebrioso,  
Que o brioso da real fronte lhe afronta;  
Agora nos mostrou, que com forçoso  
Applauso entre os mais celebres se conta  
Quem disse, que a seu peyto humilde cria  
A vide o, a que o Rey obedecia.

## 22 Historia de Esther

### 43

O sempre indigna, & cega ebriedade,  
Quem teu proceder vil, teu trato feyo  
Póde explicar, se nunca a lealdade,  
A justiça, a razão coube em teu seyo?  
Se outro não he, que vaso de maldade  
Esse teu copo exhausto, & logo cheyo,  
Nem o esto no fluxo de teus mares  
Outra, que larga enchente de pezares?

### 44

Quanta desgraça, infortunio quanto  
Acompanhaõ teu vaõ contentamento,  
Não deyxando já mais de agoar o pranto  
Teu licor de pezares nunca izento;  
Se tanto dano já, se mal já tanto  
Não assombraõ teu cego pensamento,  
Ve, que атаça, que larga te convida,  
Ou te pertende morto, ou homicida.

45

D'aguda lança o diga atravessado  
 O infeliz, se valeroso Clyto,  
 No campo não de Marte acreditado,  
 Mas si do insano Baco no conflito:  
 O Macedonio o diga, que (aplacado  
 Fà seu ebrio furor) pertende aflito  
 Do triste caso, sobre o corpo exangue,  
 Quanto em vinho bebo, verter em sangue.

46

Tambem te lembre Amon, que no convite,  
 Que do Irn ão a perfidia lhe ordenara,  
 Paga do licor puro no apetite,  
 Quanto já no do impuro amor peccara:  
 No valeroso Hebreo, que poz limite  
 Do Assyrio aos exercitos repara,  
 E a seu valor as palmas merecidas  
 Veràs do humilde pampano abatidas.

Reg. 2.  
 cap. 13.

Mach. 1.  
 cap. 14.

## 47

O' quanto menos pois, do mar horrendo  
 Deves temer a furia desmedida,  
 Que a das ondas de Baco, em que estás vendo  
 Naufraga a honra, a fazenda, & a vida;  
 Mas como não será nesse estupendo,  
 Se doce pégo, o estrago sem medida,  
 Onde o humano baxel, que se lhe entrega,  
 Logo sem leme da razam navega?

## 48

Nem de Noè te nega a fofsobrada  
 Prudencia em tanto pégo o mesmo aviso,  
 Pois ves, quando nessesoutro bem livrada  
 Sua vida, naufragar neste o seu siso;  
 E se para cobrir a declarada  
 Nudez do velho, aos dous irmãos preciso  
 Foy largarem as capas, já conheces,  
 Que sò por junto aos ebrios, o pareces.



## 49

Tendo pois ao real solio admitido  
Assuero a honesta Vasthi, a quem o imperio  
Foytambem da belleza concedido  
Pelo que rege hum, & outro emisferio,  
Que a vejaõ todos, quer taõ sem sentido  
Desta imprudente acção nõ vituperio,  
Que naõ vê, busca a regia Magestade  
Adulteros, ao menos na vontade.

## 50

Que do aureo diadema entre adornada  
Ao convite, onde tanto povo a veja,  
Lhe manda, porque o vaõ sempre cifrada  
A sua gloria tem na albèa inveja;  
E porque entenda o Persa nessa uzada  
A doraçãõ ao Rey ( ou Nobre seja,  
Ou da Plebe ) ser culto mais forçoso  
Ao que de huma Deidade he digno esposo.

Hum,

## 51

Hum pasmo foy a Vasthi o pensamento  
 Do quasi insano Rey, modos discorre,  
 De se escusar de hum sò ao nescio intento,  
 Em que de muitos no desprezo encorre;  
 Porque sem o honesto retrahimento  
 Perigos mil a fermosura corre:  
 Perde sempre na vista licenciosa  
 A graça, que nas mãos a bella rosa.

## 52

Lembra-se que he na Persia antigo uso  
 Não assistir nos publicos convites  
 Nobre mulher, & que sómente o abuso  
 Das impudicas passa esses limites;  
 Tam justa ley ao Principe profuso  
 Em suas vaidades, & appetites,  
 Lhe quiz a honesta Vasthi pôr diante;  
 Mas que ley vence ao gosto de hum Reynante?

53

Recusou logo este a offerecida  
 De embargos à injustissima demanda,  
 Porque nestas a Ley mais recebida  
 Não he a do que allega, he a do que manda;  
 E porque na que ordena repetida  
 Instancia, o gosto seu, nada mais branda  
 Nota a Rainha, em espaço pouco  
 A louco de ira passa o de amor louco.

54

Com incendido rosto, & voz pezada  
 Pelo cristal dos olhos descobrindo  
 A, que no peyto tem, dor reprezada:  
 No animo o amargor, que está sentindo;  
 Aos conselheyros, de quem mais se agrada,  
 A seu lado incessantes assistindo,  
 Assim pergunta, posto que a ira fea  
 De hum Rey, se assi pergunta, sentencea.

Proverb.  
 16.

Será

## 55

Serà bem neste Imperio, ó *Fuizes rectos*,  
 Que a soberba se jacte de triunfante,  
 E que sirvaõ do Principe os decretos  
 De ter, que desprezar huma arrogante?  
 De meu conselho sois os mais selectos,  
 E quero em caso tal vossa constante  
 Sentença ouvir, sem que entre algum respeito  
 (*Veneno da justiça*) em vosso peyto.

## 56

He *Astrea* Rainha soberana,  
 Se a *Vasthi* a condecora o diadema:  
 Essa o supremo solio occupa ufana,  
 Se he no de meu Imperio esta a suprema;  
 Nem, que do vosso parecer liviana  
 Causa me aparte, a sentença tema,  
 Porque entre as duas attento considero,  
 Que de hũa he esposo o Rey, de outra *Assuero*.  
 Entre

## 57

Entre os deste Conselho hum de mais nome,  
 ( Mamuca era o seu proprio ) & sustentava  
 Das rendas da lisonja a larga fome  
 Da cobiça , em que o peyto se abrazava;  
 Sagaz temendo, que se a empresa tome  
 De defender a Vasthi , o que gozava  
 FAVOR , perca do Rey, taes razoens tece,  
 Em que grato veneno lhe offerece.

## 58

Que amais (senhor) a Vasthi considero,  
 Que zelais vejo a regia authoridade,  
 E a occasião temo , em que ou Fuiz se vero  
 Me conte Amor , ou infesto a Magestade;  
 Mas pois ou vir quereis. ( Grande Assuero )  
 O meu dictame neste da vaidade  
 Da Rainha delito exorbitante,  
 Ouçame o Rey sómente , & não o Amante.

Por ,

*Por Ley de Esposa ao Hymeneo sagrado:*

*De subdita por Ley ao mando regio  
Faltou Vasthi, & se em crime declarado  
Toca este, sóbe effoutro a sacrilegio;  
E ao ver de hũ Deos, & hũ Rey hoje ultrajado,  
Neste delito seu, o foro egregio,  
Razão não leve, a que he, me persuade,  
Contra Divina, & humana Magestade.*

*Mas quando não tocasse no Divino,  
Que tributo recebe a preminencia  
De Esposo, & Rey por natural destino,  
Mais propriamente seu que a obediencia?  
Sem esta o diadema, & o ouro fino  
Do Sceptro hum Rey deyxão na apparencia,  
E o que da propria esposa obedecido  
Não he, será casado, & não marido.*

*E qual*

61

*E qual poderá ser de hoje em diante  
 Aque render obediencia queyra.  
 A seu Esposo já, & da arrogante  
 Vasthi não seguir pronta a bandeyra?  
 O vicio na mulher mais dominante  
 Foy sempre a vaidade, & na ligeyra  
 Condição sua, a culpa da Rainha  
 Fà para o ser de todas se encaminha.*

62

*Não duvido, que ao nescio, & imperito,  
 Da soberba este caso escandaloso  
 Se pertenda passar com sobrescrito  
 De honestidade, sempre especioso;  
 Mas quando não foy proprio do delito,  
 Retirar se ao sagrado? & o licencioso,  
 Ao vicio seu, para eludir o rude,  
 Sobrenome não deo de hũa virtude?*

*Mas,*

## 63

*Mas quero , que à virtude a generosa*  
*Rainha neste caso hoje attendesse;*  
*Deyxaria de apparecer virtuosa*  
*Sempre , que obediente apparecesse?*  
*Entre as virtudes nunca sospeytosa*  
*A obediencia foy , porque sò esse*  
*Exercicio , o mais proprio da humildade,*  
*Não pôde ser tocado da vaidade.*

## 64

*O estado dos que cingem o diadema ,*  
*He no mundo o mais alto , & soberano;*  
*Nem crerey facilmente que este tema*  
*O vulgo em seus juizos leviano;*  
*Tudo he honesto aos Reys , nem na suprema*  
*Condição de Rainha cabe ao dano*  
*Attender de hum ousado vituperio;*  
*Menosprezar quiz Vasthi o vosso Imperio.*



## 65

Pelo que , neste caso , considero ,  
Que não sem grande causa vos commove  
Hoje a hum castigo tal , que por severo  
Qualquer o tema , quando o não approve:  
E se ao zelo attendeis , que tão sincero  
A dizer , o que sinto , aqui me move ,  
Huma injuria trareis no real diadema ,  
Quando a culpa dos grandes o não tema.

## 66

Faça-se pois ó Rey ( se vos parece )  
Sem mais demora hum rigoroso edicto ,  
Em que o rumor da culpa , que já cresce ,  
Se acompanhe da pena do delicto ;  
Porque inda que este em si nunca fenece ,  
E he fertil hum peccado em infinito ,  
Succede assim , se o vê sem pena o mundo ,  
Mas , vendo o castigado , he infecundo.

## 67

Conste, que para sempre o regio leyto  
 A Vasthi lhe negais, que indecoroso  
 Serà, que se ultrajou vosso respeyto,  
 Não vos prezando Rey, vos tenha esposo;  
 E se de Astrea o sois, como em effeyto  
 O he quem reyna, em caso tão forçoso,  
 Que esta sò podeis ter (lembrar-vos quero)  
 Como Rey, mil porèm como Assuero.

## 68

Nem serà de estranhar, que entre hũa esposa,  
 E outra, prefirais a Vasthi Astrea,  
 E menos, de que exclua a mais fermosa  
 Essa, a que o seu delito tanto afea;  
 Temey sò, que se Astrea à magestosa  
 Dignidade pertence, alguem vos crea,  
 Sem esta, & com Vasthi a vosso lado,  
 Rey viuvo, & Assuero desposado.

## 69

*Esta a sentença foy, que artificioſo  
Ao Rey propoz o iniquo conſelheyro,  
Que em razoes ſempre o mais eſpecioſo  
He, no que dicta, o menos verdadeyro;  
A lingua da verdade ao engenhoſo  
Do eſtylo attende pouco, & o primeyro  
Eſtudo do fingido he ſempre a gala  
E o affectado enſeite no que fala.*

## 70

*A mentira, eſpirando já a verdade,  
Por ſe lhe parecer, o ſeu veſtido  
Lhe roubou, & com ter habilidade,  
Accommodallo bem nunca ha ſabido;  
Teve com a rethorica amizade,  
E tanto o ſeu engenho lhe ha valido,  
Que ſempre, que hade apparecer, he eſte  
O que a mentira de verdade veſte.*

## 71

O Logico, & o Rethorico figuras  
 Usáraõ sempre, & as desse (se o reparas)  
 O falso nos descobrem, sendo escuras,  
 Quando as deste o escondem, sendo claras;  
 Se o verdadeyro pois saber procuras,  
 Não te fies de hũa arte, em que nas raras  
 Invençoens, de que usa, só se aspira,  
 A que o não pareça a que he mentira.

## 72

Desta o veneno em seu discurso esconde  
 O eloquente Mamuca ao Rey, que ufano  
 Tãõ grato bebe, como effoutro, donde  
 A origem teve seu furor insano.  
 Mas, se com rosto alegre o corresponde,  
 Inadvertido a seu futuro dano,  
 Brevemente o verà, quando outra hora  
 Chore o Amor o que a ira applaude agora.

Que

## 73

Que se execute, quer, logo a sentença  
Que o conselheyro perfido dictàra,  
E do Paço se aparte sem detença  
Essa, que o coração já lhe occupàra;  
E quem de tantos sò para a presença  
Da bella Dama os olhos conuidàra,  
Porque a todos, que os seus não são, esquirra  
Se nega, de que os veja, ingrato a priva.

## 74

O' falso humano amor, todo quimera,  
Reclamo infiel, certo inimigo,  
Sempre bem hospedado da sincera  
Vontade inadvertida a seu perigo;  
Quem os estragos teus não considera?  
Quem a estar chega já tão mal comsigo,  
Que de hum cego se guie, & de hum insano  
Palavras ouça, affagos de hum tyranno?

## 75

De promessas já tens ricos os ventos:  
 Queyxosos dos perjuros os altares,  
 Nem terás Nume algum, que teus intentos  
 Fie (nam profanado) se o buscares;  
 Sempre entras com armonicos acentos,  
 Sem que em desafinar, logo repares,  
 Ou que ao mar de teus largos desvarios.  
 Depois corraõ das lagrimas os rios.

## 76

Quem já do vento te julgou gerado,  
 E do Iris celeste, foy prudente,  
 Se outro não es, que hum moto infatigado,  
 E parando, o ser perdes certamente:  
 Se alegres cores mostras, & nublado  
 O Ceo de teus contentos de repente,  
 Segue teu desatino, & vaidade  
 De infortunios escura tempestade.

Eustac.  
 Cômér.  
 de Hom.

Deyxe

77

Deyxe pois quem da magoa mais crescida  
 Livrar-se quer, de amor o pensamento;  
 Que amar, sem ser amado, he infeliz vida,  
 Amado sem amor, affás tormento;  
 E se a amar amado se convida,  
 Conheça, que frustrado seu intento,  
 Esses verá com danos excessivos  
 Oppostos, que sò busca relativos.

78

De Filis o adverte a infeliz morte:  
 Da generosa Dido a aguda espada:  
 De Thamar o publica a triste sorte:  
 Ariadne o clama na ilha inhabitada;  
 Porque no monte inculto, & nobre corte  
 Tenbaõ do cego Amor na costumada  
 Tyrannia, que pouco consideras,  
 Estrago os homens, & desculpa as feras.

## 79

Intimou-se à honestissima Princeza  
 O barbaro decreto, que recebe  
 Como parto da ira, na presteza,  
 Com que este monstro pare o que concebe;  
 E ao cuidar tanto mal, como a fereza  
 Dessa cruel sentença lhe apercebe,  
 De seus olhos o pranto, em tanta magoa,  
 Bem mostra o segue ao Sol nublado a agoa.

## 80

Nem já no lindo rosto, onde a mimosa  
 Assucena às mais flores presidia,  
 E a cor purpurea, a que inveja a rosa,  
 Exhalação em Ceo sereno ardia,  
 Se ostenta a graça, porque a rigorosa  
 Dor, que sente, fez só, que o que se cria  
 Lirio entre as agoas, das que vem descendo  
 Das fontes de seus olhos, va crescendo.



## 81

*Fulgàra alivio, a culpa em tanta pena  
Reconhecer, que ignora justamente,  
Vendo sò, quanto escusa, onde condena  
O desditosa ser, ser delinquente;  
Mas quando do incivil fuiz se ordena  
O mal, sempre ao processo do innocente  
A alma, que esse não tem injusto, & ficto,  
Serà nessesoutro o corpo do delicto.*

## 82

*Ao deyxar pois a regia morada,  
Fà não outro aos olhos se apresenta  
O nobre Paço, que o Polo, a quem nega da  
Se nota a luz, que Febo delle ausenta;  
Das lombra da tristeza acompanhada  
A que de gloria esfera foy, se ostenta,  
Da vista, digo, desse bello rosto,  
Que a illustrava Sol, & se lhe ha posto.*

*Mas*

## 83

*Mas como dirà agora o doce metro*  
*Os tristes pensamentos, nessa escaça*  
*Sorte desta Rainha, na do Sceptro*  
*Perda, em que o viver sôbra à desgraça?*  
*Assumpto o considero de algum plectro,*  
*Onde a voz rouca, & a clavis a laça,*  
*Funebre o canto, o tom desafinado*  
*Do animo retrate o perturbado.*

## 84

*Não cuyde, que da luz a falta sente*  
*Quem nunca conheceo seus resplandores:*  
*Esse, que não foy rico, não lamente*  
*Da pobreza as molestias, & os rigores:*  
*Não accuse a fortuna de inclemente*  
*Quem não gozou já mais de seus favores;*  
*Porque só chega a ser mal verdadeyro*  
*O bem, que já não he, & o foy primeyro.*

Porém

## 85

Porèm de tua queyxa , he aff'as constante ,  
O' linda Vasthi, que inda encontra estreito  
Lugar na terra , & Ceo, & que adiante  
Não podendo passar , torna a teu peyto;  
Pois já de quanto bem nõ dominante  
Solio gozavas : quanto no respeyto  
Do nobre Sceptro, o que sò te alcança ,  
Para mayor tormento , he a lembrança.

## 86

Que he a lembrança em fim do bem passado ,  
Da gloria , que acabou , do estado antigo,  
Sombra, que, por de hum corpo, que ha espirado,  
Assombros sò, & horrores traz comsigo;  
He companhia , em quem de todo o agrado  
A solidaõ se acha, & por castigo  
Mayor, se he solidaõ, he taõ estranha,  
Que dos pezares todos se acompanha.

Não ,

*Não te assombre porèm , ó generosa  
 Princeza, o infeliz caso, porque em tanto  
 Merito à sorte , já sempre ciosa  
 Da virtude, causavas largo espanto ;  
 Benemerita menos, se a ditosa  
 Aspiravas , devias ser , pois quanto  
 A fortuna dá cega aos do seu gremio ,  
 Merce se ha de suppor, mas nunca premio.*

*Nem quanto nas razöens suas o astuto  
 Conselheyro dictou , deyxá eclipsado  
 De teu nome o esplendor com mayor luto  
 Que esse, que ao Sol lhe corta o vil nublado;  
 Menos o que decreta pouco enxuto  
 Do exhausto licor o alienado  
 Monarca, que sò então do regio assento  
 Te priva, quando a sy do entendimento.*

89

*Mas inda, que o ingratis simo Affuero  
Te divida do Solio merecido,  
Que deyxas de reynar, não considero,  
De coraçoens num povo enternecido;  
Nem, que esse, que em teu merito venero  
Diadema da virtude o mais luzido,  
Fà mais te falte, se he o que importuna,  
Porque o não dà, não tira a vil fortuna.*

90

*Logo porèm, que aquella insania breve,  
Eclipse da razãõ, violencia d' Alma:  
Essa, que entre as payxoens humanas teve  
De mais impetuosa sempre a palma:  
Essa, que ao sangue, & ao amor se atreve  
Romper os fóros, fica hum pouco em calma,  
Lhe pede do que obrou ( quando a despede )  
Razãõ Affuero, & o que não tem lhe pede.*

*Applau*

## 91

Applauda da Rainha o honesto intento:  
Accusa em sy de seu furor o insano,  
E he tanto mayor nelle o sentimento,  
Quanto mais tarde adverte o delengano;  
E nos suspiros mil, que entrega ao vento,  
Lhe declara seu mal, que o leviano,  
E nescio cuida sò, depois que o sente,  
E para que o não santa, que he prudente.

## 92

A continua presença, que gozava  
Do bello objecto, & em extremo amado,  
Era a causa, porque antes ignorava  
A força desta dor, deste cuydado;  
E esse mesmo agora lhe mostrava,  
Quam pouco de hum pezar sabe hum agrado,  
Nem alegre algum bem, inda metade,  
Do que afflige de hum mal a adversidade.

## 93

Por mil modos pertende divertir-se,  
E em todos vê frustrado seu intento,  
Que o que em si leva a causa de affligir-se,  
Com o lugar não deyxá o seu tormento;  
E em qualquer onde entra, o despedir-se,  
He o, que logo lhe occupa o pensamento;  
Que o procurado alivio, onde a dor cresce,  
Começa apenas, quando já aborrece.

## 94

Quantas notava em seus jardins boninas,  
A que de seu disvelo comparava  
O objecto grato, agora as julga indignas  
Do retrato, que só no Sol lhe achava;  
Mas quando conseguiu já mais as finas  
Estimaçoens o bem, que se gozava?  
Quando menos não foy, se per severa?  
E mayor, se de ser deyxá o, que era?

## 95

Em tam sensivel dor, mal tam intenso  
 Fà entra nesta, já n'outra sala,  
 Se começa a fallar, fica suspenso,  
 E se passeia, sò configo falla:  
 A cada hora o nome da que infenso  
 Maltratou, repetindo, logò calla,  
 Que o eco desse mesmo na confusa  
 Morada de seu peyto ingrato, o accusa.

## 96

O rigoroso amor, que facilmente  
 Ao mais livre transformas em cativo:  
 Em fulto da razão o mais prudente,  
 E o affavel mais no mais esquivo!  
 Tornas o que era alegre em descontente,  
 E ao sepulchro de seu cuidado vivo  
 O conduzes, ou já querido seja,  
 Ou lhe falte esse bem, que sò deseja.



97

*Na fantezia impresso de quem ama,  
 Frechas mentindo em nome de Cupido,  
 No coração acendes huma chãma,  
 Que, em vez de alumiar, cega o sentido;  
 E a alma penetrando a infeliz flâma  
 Triste, alegre, queyxofo, agradecido  
 O deyx numa hora, & qual o vario  
 Protheo em formas, em payxoens contrario.*

98

*Se favores consegue, està zeloso,  
 Tendo por leviandade a que he fineza,  
 Nos auge do que logra, temeroso,  
 De que pôde cançar tanta firmeza;  
 Se se vê desprezado, he furioso,  
 E arrependido logo, que despreza,  
 Buscando em toda a parte o soberano  
 Objecto, que em sy tem só por seu dano.*

## 99

Notáraõ logo alguns esta violenta  
 Payxaõ, com quem a regia authoridade  
 Não he, de lhe pagar tributo, izenta,  
 Nova dor, & cuidado a Magestade;  
 Das lagrimas tambem, por mais que intenta  
 Assinarlhe outra causa, que a saudade,  
 Que a origem tem no amor, se adverte logo,  
 Porque effoutras são de agua, estas de fogo.

## 100

De todos hum, a quem mais favorece,  
 O Rey, & mais o estima, condoído  
 De seu pezar, que vê, a immenso cresce  
 Da imaginação propria soccorrido;  
 A ser o que lhe falle, se offerece,  
 Mostrando em seu discurso enternecido,  
 E nas palavras, a que a dor afoga,  
 Não que o aconselha, mas que o roga.

101

*Este lhe diz : Senhor, se ao grande affecto  
 Concedeis de hum criado , que imagino,  
 Se salto de argumentos de discreto,  
 Sobrado na rethorica de fino ;  
 O discorrer diante do selecto  
 Juizo , que alcançais do Ceo benigno,  
 Não vos pede meu zelo a attenção toda ,  
 Com hum breve reparo se accommoda.*

102

*Sigão embora , ó Rey , a magoa, & pranto  
 Os males , que não podem remediar-se ,  
 Que os que remedio tem, não valem tanto ,  
 Que com lagrimas devão sustentar-se ;  
 E esse que hoje, Senhor, vos causa espanto,  
 Não he dos impossiveis de curar-se  
 O que o impede , he da cura o tedio ,  
 Que , de querer sarar, consta o remedio.*

## 103

*Não duvidarey eu, que o que perdido*  
*O bello objecto tem de seu cuidado,*  
*Quanto ha no universo, reduzido*  
*O julga ao caos, de que foy tirado;*  
*Illusão lhe parece do sentido,*  
*Se brilha o Sol, ou se floresce o prado:*  
*Nada a ter ser em seu conceyto chega,*  
*Porque o seu tudo he o bem, que se lhe nega.*

## 104

*Mas que furor não he, que a hum triste o prive*  
*Tanto de algum discurso o seu tormento,*  
*Que, sem gozar da vida, quando vive,*  
*Anticipe ao viver o sentimento?*  
*Não succeda pois não, que assim cativo*  
*Essa dor vosso claro entendimento,*  
*Que não vejaís que ao mal, que hum bẽ despede,*  
*Com o bem outro tanto lhe succede.*

103

*Mas não intenta, ó Príncipe famoso,  
 Persuadir-vos meu discurſo agora,  
 Que ao tempo em ſeus remedios vagaroſo  
 O importante ſieis deſta melhora;  
 Mais apreſſado Medico, he forçoſo,  
 Que vos aſſiſta, & logo ſem demora,  
 Quando admitais o que a doença pede,  
 Fà eſta, entrando eſſoutro, ſe deſpede.*

104

*Nem duvideis, ſenhor, que ſe encoſtando  
 Ao forte arco da poderoſa aljava  
 Nova frecha o Amor, vay traſpaſſando  
 Com eſta o peyto, onde a outra eſtava,  
 Eſſa o colirio, & o remedio he brando  
 Da dor, com que a primeyra magoava,  
 E aſſim deſfaz do golpe antigo a queyxa,  
 Que nem ainda na memoria o deyxá.*

## 107

*Es máltaõ breve campo muitas rosas :*

*Do Ceo muitas Estrellas pouco espaço,*

*E o numero não pôde das fermosas*

*Em vosso largo Imperio ser escaço ;*

*Talvêz, que alguma dessas mais ayrosas,*

*Que fareis conduzir a vosso Paço,*

*Modere rosa a dor, que vos desvela,*

*Vença o infortunio, que sentis, Estrella.*

## 108

*Nada ingrato ao arbitrio proposto,*

*Que se execute logo, o Rey lhe manda,*

*Não paraõ os criados, porque o gosto*

*Do Principe qualquer trabalho abrandá ;*

*E em breve tempo no assinado posto*

*(Tãõ prompto cada hum, tam veloz anda)*

*Lhe invejaõ às bellissimas Donzellas*

*O Sol a gala, o numero as Estrellas.*

*Mas*

Mas , entre as mais fermosas , se offerece  
 Nesta universidade da Belleza  
 Huma , em quem facilmente se conhece ,  
 Ler a todas de prima gentileza ;  
 Pois quanto já na graça se encarece ,  
 Quanto na fermosura ha de riqueza ,  
 Logra , sem que mais possa nesta parte  
 A Natureza dar , pintar a arte.

II O

Do rico pelo , da espaçosa testa ,  
 Esse de ouro dilatada mina :  
 De neve campo bem formado esta :  
 Dos olhos em que o Sol dous se imagina :  
 Da face , em que he perpetua a rosa honesta :  
 Da boca junto à qual fica a mais fina  
 Purpura , se corrida , não córada ,  
 Se mostra a mesma inveja namorada.

## I I I

Se entre as Deusas no Ida esta fermosa  
 Pares fizera, o Paris a Belleza  
 Tanta rendera o pomo, em que a queyxosa  
 Discordia às tres quiz dar má sobremesa;  
 Nem já succederia, que a forçosa  
 Sentença sò a favor de gentileza  
 Tanto mais superior, fosse appellada  
 Pola Funo cruel à Grega espada.

## I I 2

Era seu nome Esther, Patria Judea,  
 Que a ferro, & fogo o Assyrio devastára,  
 Porque da Idolatria a culpa fea  
 Quiz o Ceo, que a essa luz visse mais clara;  
 Tambem no sacro templo, em que se atea  
 O sacrilego incendio, se declara,  
 Não quer (tanto da ira estã tocado)  
 Onde dos de Israel seja rogado.

 Reg 4.  
 25.



113

Dos que a vida livrãrão nessa horrenda,  
 Nessa dura, & fatal calamidade,  
 Se razão he, se he justo, que se entenda,  
 Ser vida a de quem perde a liberdade;  
 Foraõ os Pays de Esther, bem que esta prenda  
 Deyxãrão brevemente em tenra idade,  
 Porque mostrar ao mundo o Ceo queria,  
 Que Esther por sua conta sò corria.

114

Hum Tio a educou piadoso, & nobre,  
 Que escaçamente onde a virtude falta,  
 O esplendor da nobreza se descobre,  
 Que a virtude he a bazi, em que se exalta;  
 Este, posto que a Esther veja tão pobre  
 De ouro, & prata, julga, que esta falta  
 Mais a acredita, pois de outra riqueza  
 Dezar fora o soccorro a tal Belleza.

## 115

Tratou sò de advertir aos poucos annos  
 Da galbarda sobrinha, que o venera;  
 A perfidia do mundo, & os seus enganos,  
 Que aquella idade pouco considera;  
 O infeliz remate dos profanos  
 Empregos, & essa pena, que os espera:  
 Essa, que a lentos passos caminhando,  
 A eterna no vagar se està ensayando.

## 116

Que seja a caridade lhe ensinua  
 A que em suas acçoens mais appareça;  
 E entre as outras virtudes, como a Lua  
 Entre os menores astros, resplandeça;  
 Nem se acovarde na piedade sua,  
 Inda que certa a ingratitude conheça,  
 Porque sò esse se queyxrà do ingrato,  
 Que se diz beneficio, & he contrato.

## 117

Aos empregos da regia caridade ,  
Lhe diz, que logo a devação se siga,  
Sem que da hipocresia , à puridade  
Do metal fino seu, se junte a liga;  
E entenda , que sò essa com verdade  
He devação, que a observar se obriga  
Da santidade as leys , & não com varios ,  
E inuteis gostos a correr Santuarios.

## 118

A humildade , & retiro lhe encomenda ,  
Com guarda fiel da fermosura ,  
Nem queyra applausos desta , antes entenda ,  
São baterias contra a intenção pura;  
Que ao ocio fuja sempre , & não pertenda  
Ter mais fama , se quer viver segura ,  
Que a , de que teme a Deos , & he virtuosa ,  
Porque a outra no seu sexo he perigosa.

## 119

*Já nunca a branda cera ha recebido;*  
*Já mais guardou duríssimo diamante,*  
*Este a sutil imagem do esculpido,*  
*Ou effoutra o epigraphe elegante,*  
*Como Esther admitio, & fica unido*  
*A seu animo docil, se constante,*  
*Quanto lhe dicta o conselheyro egregio,*  
*E de graos saõ, que a sobem ao throno regio.*

## 120

*Porque com menos pressa as inconstantes*  
*Sombras se apartaõ, quando no Horizonte*  
*Coroadas de luzes radiantes*  
*Descobre Febo a galharda fronte:*  
*Sem mais demora os passaros volantes*  
*Ao repentino estrondo, que no monte*  
*Fez a balla, se ausentaõ dos raminhos,*  
*Onde o descanso tem, & os caros ninhos.*

I 21

Nem doutra sorte as nuvens, que a ferena  
 Face cobrem do ar, voaõ fogindo  
 Ao desterro, a que o Aquilo as condena,  
 Ficando o Ceo de sua injuria rindo;  
 Do que a saudade, a dor, a magoa, a pena  
 Deyxaõ de Assuero o peyto, onde sentindo  
 De Esther o Imperio, a força, a luz, que admira,  
 Qual ave, sombra, nuvem, se retira.

I 22

Repita embora o Capitam Romano,  
 Que Vexo, Vio, Venceo, como proeza  
 De suas armas melhor, mais soberano  
 Timbre já do valor, já da destreza;  
 Que se tanto brazaõ o deyxã ufano,  
 Excedido se vê desta belleza,  
 Quando ainda sem lança contendora,  
 Que veyo, diz, foy vista, & vencedora.

## 123

*E assim logo, que o Rey, antes queyxofo,  
Pode gozar a incomparavel vista  
Da bellissima Esther, hum numerofo  
Povo de affectos para a servir lhe aliſta;  
E de não poſſuir, eſtã penofo,  
Mais de hum sò coração, com que lhe aſſiſta,  
Que a ſerem tantos, como os Reynos, fora  
De tanta Monarquia igual ſenhora.*

## 124

*Não ſe uſava porẽm, que das Eſpoſas  
Do Rey alguma o thalamo occupaffe,  
Senaõ depois que as caſas eſpaçoſas  
Do Zodiaco o claro Sol douraffe;  
Porque inda que eſcolhida entre as fermofas,  
Neſſes dias queriaõ, ſe apuraſſe;  
Que a que mais de galharda ſe acredita,  
Dos ſoccorros da arte neceſſita.*

## 125

*De odoríferas aguas eraõ mares  
Os em que se banhava cada dia,  
Porque assim deffas ondas singulares  
Qual outra bella Venus renascia;  
Tambem eraõ na mesa os seus manjares  
Esses em que melhor se conhecia  
O vigor de nutrir, dar cor ao rosto,  
Córado engano já do humano gosto.*

## 126

*Mas como nunca igual, nunca constante  
Soe o relógio ser de hum namorado,  
Onde ao que goza, os annos são instante,  
E os instantes são annos, se ha tardado;  
Que lhe apressassem, quiz, do firme amante,  
E extremo Príncipe o cuydado  
A bella Esther o mundo feminino,  
Mundo, a que este sexo he mais benigno.*

## 127

Se vem a linda Dama deste alarde,  
 Deste hypocrita ornato; esta diaria,  
 E mobitfermosura, em cada tarde,  
 Ao que foy na manhãa, sempre contraria;  
 Desse indigno socorro, a que a covarde  
 Belleza appella, desta imaginaria  
 Pompa não cuyda; que o decente aceyo  
 He proprio ao bello, & o excessivo ao feyo.

## 128

Não era de seu animo o desvello,  
 O contentar ao Rey, nem que o atractivo  
 Do gosto deste fosse o rosto bello,  
 Que tem, se o mundo grato, ao Ceo esquivo;  
 Sã nas virtudes com seguro anello,  
 E na cultura d'alma o incentivo  
 Busca ao real affecto a linda Dama,  
 Que o mais cobiça he, se amor se chama.



## 129

Porque amor, que he d' alma affecto nobre,  
Se à materia talvez passa o seu fogo,  
He da sorte que o claro Sol descobre  
Tambem seu lume alèm do proprio globo;  
Este (bem que opiniaõ vulgar lhe sóbre)  
He vil payxão sómente, porque logo  
Que busca a fruiçaõ noutro sentido,  
Que o de ver, & ouvir, se ha desmentido.

## 130

Nem já no Amor (se o fosse a impureza)  
Convinha de menino essa pintura  
Tam celebre, se destes na terneza  
Sò cabe hum corpo casto, & huma alma pura.  
Muito menos querer, seja a belleza  
Objecto ao tacto, & que a fermosura  
De luz tam nobre (em indignos laços)  
Roubada aos olhos, se trãsfira aos braços.

## 131

Já radiava a luz, que antes avara  
 (Ao parecer do Principe Augusto)  
 Pouco menos, que hum seculo tardara,  
 Passando seu cuidado a quasi susto;  
 Quando Esther, que na gala não repara,  
 pois da melhor lhe faz seu rosto o custo,  
 O regio aposento entrou pizando,  
 Que em esfera do Sol o vay trocando.

## 132

Aos mais finos diamantes, que de ornato  
 Intentavão servir, lhes succedia  
 O mesmo, que ao lucido apparato  
 Das Estrellas, ao vir rompendo o dia;  
 Qualquer dos que da gloria este retrato  
 Admirava, & os olhos, com que o via,  
 Ao Ceo, por lhe dar graças, levantava,  
 De Esther ociosamente os apartava.

## 133

*He porèm tanto mais no Rey o agrado  
 Desta vista, & he tanto o que o recrea,  
 Que a dita de reynar sò tem prezado,  
 Porque esta bella esposa lhe grangea;  
 Não sente pouco o tempo, que ha passado  
 Nelle a vontade deste amor alhea,  
 E hum seculo de amor em cada hora  
 Deseja para a estar amando agora*

## 134

*E sem que attenda à humilde estirpe donde  
 Esther a origem tem, a Magestosa  
 Diadema lhe destina; tanta esconde  
 Ou força, ou privilegio huma fermosa;  
 He flor de voz, & voz de flor, pois onde Zenon.  
 Apparece esta graça, na que a goza,  
 Sem violentar, obriga, & sem recurso  
 A arte, he sempre hum florido discurso.*

## 135

*Nem consulte já mais a fermosura  
Astro algum de benevola influencia,  
Que em sy mesma achará para a ventura  
De Oroscopo feliz larga assistencia;  
E se neste se affirma, que segura  
O Sol diademas, desse, que a excellencia  
De hum rosto ostenta bello à maravilha,  
Se diz, mas não do Sol que no Ceo brilha.*

## 136

*Esse o planeta foy grato, & benigno,  
Que inda em seu detrimento, inda cadente,  
Fóra da propria casa, & peregrino  
Quanto na dura escravidão se sente;  
A bella Esther, por singular destino,  
A throno a elevou tam preminente,  
De seus olhos podendo as luzes bellas  
Mais que todo esse exercito de Estrellas.*

## 137

He propria ao ser Divino a fermosura,  
 Não como o accidente em seu sugeyto,  
 Porèm mais indivisa, que a luz pura,  
 No que entre os astros brilha mais perfeito:  
 He huma inseparavel vestidura,  
 Que entra de sua essencia no conceyto,  
 Tela da qual (porque o infinito iguala)  
 Tambem cortou aos que mais quiz a gala.

## 138

Deste adornou a quantos na celeste  
 Aula divide em varia jerarquia,  
 Como precisa, & preciosa veste  
 Dos que mais junto ao throno seu queria;  
 Depois ao homem, a quem sobre o terrestre  
 Globo entregou tam vasta monarquia,  
 E quiz que em tanto Imperio, como gosa,  
 Esta fosse a sua purpura lustrosa.

# 90 Historia de Esther

139

Nem, quem menos mercê a considera,  
 Que divina, se aparta do que o astuto,  
 E impio. Manes dictou, ou já quizerá,  
 Antes que humano, ter nascido bruto;  
 Se o não he qualquer, que com se vera  
 Opinião reprova este attributo  
 Por celeste aos humanos grato emprego,  
 E estranho só ao irracional, & ao cego.

140

Se no femineo sexo accusa a esquivã  
 Condição rúde estragos repetidos,  
 Renuncie tambem, como nociva  
 A graça dos que o Ceo lhe deo sentidos;  
 Culpe quem pelo alheyo abuso a priva  
 Da estimação devida, esses luzidos  
 Resplendores da tocha, onde inquieta,  
 E incanta se abraça a borboleta.

Cul=

I 41

Culpe na bella rosa de aleivosos  
 Seus nacares algum (se inadvertido  
 Profanando-os) se vio nos rigorosos  
 Espinhos, que a defendem, offendido:  
 Os liquidos cristaes diga enganoso,  
 Onde o filho de Cefiso attrahido  
 De sua fôrma, a bulca (para magoa  
 Mayor) tendoa em sy mesmo, dentro n'agoa.

I 42

Quem os objectos julga delinquentes,  
 Passa de nescio, porque de algum dano,  
 Que nelles se experimenta, às imprudentes  
 Acçoens se baõ de applicar do uso humano;  
 Deste saõ os delitos, & innocentes  
 Effoutros, como a espada, onde o insano,  
 (A quem tomala pelo gume agrada)  
 De sy se hade queyxrar, & naõ da espada.

## I 43

*Fà pois o Monstro aligero, que ostenta  
 Mais cores, visos mais do que o celeste  
 Iris nas densas nuvens representa,  
 Com tantos olhos como plumas veste;  
 Sem que se aparte, quando mais se ausenta,  
 Nem conceda (da machina terrestre  
 Ou pize as cortes, ou as campanhas rasas,)  
 Nem sono aos olhos, nem descanso às azas.*

## I 44

*Parto da terra a todos espantoso,  
 Não menos que os Irmãos antes nascidos,  
 Pois quanto corre mais, he mais forçoso,  
 Mayor sempre, que aos olhos, aos ouvidos;  
 Do que publica defensor teymoso,  
 Successos sejaõ certos, ou fingidos,  
 Porque he das, que tem bocas cento a cento,  
 A verdade, & a mentira igual sustento.*



145

*Fà este, se rumorantes escaço,  
Logo em crescendo clara, & illustre fama,  
De seu clarim sonoro em todo o espaço  
Do Persiano Imperio a voz derrama;  
Os successos refere, que no Paço  
De Assuero se admirão, & a nova chãma,  
Em que arde por Esther belleza rara,  
A quem sòmente o amor do Rey compara.*

146

*Qualquer à corte desce imaginando  
Hum prodigio a Esther, se a considera  
Fà Senhora de tanto Imperio, quando  
Nem de sy mesma ha tão pouco o era;  
E os, que conseguem vella, estão julgando,  
Que sem a liberdade Esther nascêra,  
Porque entendesse com razão mais viva  
Esse bem, de que sua vista aos outros priva.*

*Que*

147

Que ao diadema o credito assegura,  
 Se cre, & que ao esplendor d'elle convinha,  
 Não coroar outra, que a da fermosura,  
 (Qual julgaõ a Esther) sempre Rainha;  
 Pois tanto nella mais o Ceo se apura  
 Que entre todas, a quem dotado tinha  
 De belleza, hum rascunho apparecia  
 Da que debuxar nesta pertendia.

148

Suza, que o mesmo val, que lirio, ou rosa,  
 De seu nome o elogio aventejado  
 Vio nesta occasiã, em que ostentosa  
 Fà não huma sò flor, he todo hum prado;  
 Neminda assim o quanto está pomposa,  
 Fica bastantemente declarado,  
 Se para comparar seu luzimento,  
 A não sobem de prado a firmamento.

149

De Apollo a Regia, de que Ouidio escreve, o qual  
 Com a do despoſorio illuſtre ſala  
 Não tem comparaçã, ſò inveja teve.  
 A tanta mageſtade, a tanta gala;  
 Quanto a mayor erudiçã ſe atreve  
 A formar de alta idea, e n pouco a iguala,  
 Que em ſeu cuſtoſo, & ſoberbo or nato,  
 Se não he o meſmo Empyreo, he o retrato.

150

Nelle de Eſther a fermofura rara, gl'or  
 O Rey, que mais a admira cada hora,  
 O coraçã, que já antes lhe entregara,  
 Lhe offerta pola mão de Eſpoſo agora.  
 No immenſo de ſeu goſto ſe repara,  
 Não que a ama ſómente, mas que a adora:  
 Não que lhe participa o regio mando;  
 Mas que no meſmo Rey eſtã reynando.

Que

## 151

Que o ouro, que ao de seus cabellos tece  
 O diadema, he de inferior quilate:  
 Que aos diamantes, de que este se guarnece  
 De seus olhos a luz dando está mate:  
 Que quanto em seu ornato se offerece  
 A vista (bem a imenso se dilate  
 Seu custo) lhe não dá, recebe gala,  
 Conhece qualquer, que entra nesta sala.

## 152

Aggravo julgaria o mesmo ornato  
 Do ouro, & diamantes que está vendo,  
 Não advertindo já, que a hum tal retrato  
 Do Ceo, servindo-o estão, não soccorrendo;  
 Tambem lhe julgarão por ingrato  
 Esse excesso de perolas, não sendo  
 Obsequio só, que rendem às maravilhas  
 Da que he sol, as que são da aurora filhas.

153

O Persa, que imagina Divindade  
 O Principe, & altar o solio regio,  
 E sacrilego mais se persuade,  
 ( Tanto he seu erro) se falta ao sacrilegio;  
 Com desculpa na unida magestade  
 Da Coroa em Esther, ao rosto egregio,  
 Adianta seu idolatra estatuto,  
 Se hum vê dos, que ha em Deos, nobre attributo.

154

Tambem julgou no esplendido convite,  
 Que logo se seguiu, o pensamento,  
 Não ter de Assuero o poder limite,  
 Nem mais que offerecer cada Elemento;  
 Ver outro igual não cuyda o appetite  
 In saciavel mais, porque sustento  
 Foy não sò desse monstro, ao mais vasto,  
 ( Qual a soberba deste Rey) foy pasto.

## 155

*Discorriaõ a inclyta Cidade ,  
 Com injuria do Tracio, & do Thebano,  
 Lyras , em que delira a gravidade ,  
 E em que tambem a recupera o insano ;  
 Aos carros triunfaes a immensidade  
 Das praças vinha estreyta, & o soberano  
 Mobil ( tal ostentava a pompa destes )  
 Pareciaõ das maquinas celestes.*

## 156

*Logo , que Febo o resplendor fermoso  
 De seu volante coche retirava,  
 Em Suza pelo fogo artificioso  
 Nada menos , que effoutra luz, se achava ;  
 Nem o Delio deyxou de estar cioso ,  
 De que Vulcano o officio lhe usurpava ,  
 De ser o nobre Artifice do dia,  
 Ou que da terra agora amanhecia.*

*Nesta*

157

Nesta occasião tambem, em que os agrados  
 Erão tantos no Rey, se conhecia,  
 Que da riqueza os cofres mais cerrados,  
 A que melhor os abre, he a alegria;  
 Pois quanto em seus erarios dilatados  
 De tributos immensos recolhia,  
 Deste agrado nos quasi desvarios  
 ( Qual nesse mar entrou ) já sabe em rios.

158

Mas que de satençaõ sempre a largueza  
 Nimia no Rey! porque lerá precizo,  
 Que venha a recolher com a avareza  
 O que antes dispendeo com pouco avizo:  
 São do Principe as dadivas riqueza  
 Para alguns, & a muitos prejuizo;  
 Pois he força ( bem que o applaudão loucor )  
 Que , peça a todos, quanto ha dado a poucos.

# 100 Historia de Esther

159

*Não larga da memoria, & do cuidado  
Ter nacido nos braços da pobreza,  
Contra o estatuto, que do antigo estado  
Manda, se esqueça logo a nova Alteza;  
E bem, que as salas pize a que o dourado  
Tecto cobre, ainda na estreiteza  
Da antiga casa habita (ó graõ vitoria!)  
Se a pessoa já não, sempre a memoria.*

160

*Da pompa do vestir, que a Magestade  
Lhe permite, com tal prudencia usa,  
Que sem faltar à regia authoridade,  
Sò não admitte, a que a modestia accusa;  
Porque com discrição se persuade,  
Quer no excesso das galas a profusa  
Vaidade, (que vicios mil encerra)  
Vestir de Ceo o que he humilde terra.*

Se



161

*Se ao Principe o desvela a especiosa  
Fama de liberal, tenha entendido,  
Que entãõ com menos segurança a goza,  
Quando he no dispende mais sem sentido;  
Porque o prodigo, a quem sempre a forçosa  
Pobreza a pedir leva, a tem perdido,  
E o que o não he, & attento em dar procede,  
A logra, dando tudo o que não pede.*

162

*A bella Esther, nem porque o claro assento  
A ennobrece da Regia Magestade,  
Permitte, que inconstante o pensamento  
As esferas passeie da vaidade;  
Antes sempre ao proprio nascimento  
Attenta, se he o mesmo, se persuade,  
Que qualquer altiveza lhe condena:  
Se he outro novamente, inda he pequena.*

## 163

*Commum sustento em mesa não commua  
 Era o que escaçamente a alimentava,  
 E entre as delicias da real, a sua  
 Pobre na parsimonia se mostrava;  
 Porque não ser o que melhor jejua,  
 Quem não tem, mas quem se abstem, julgava,  
 Nem outra do jejum (que a abstinencia,  
 E não a falta) a propria excellencia.*

## 164

*Tambem conta não fez no soberano  
 Solio, a que a elevou o Ceo benigno,  
 Da ventagem, que logra entre o humano,  
 Mas deſſa, em que está divida ao Divino;  
 E a qualquer pensamento, que leviano  
 Quer exceder, detendo o voo indigno,  
 Sò lhe permite, suba até as Estrellas,  
 Para as graças render ao Author dellas.*



I

**N**ESSA, a que o nome, rosa a desfinia,  
 (Nobre Suza) habitava o que infamando  
 (Fero Amaõ) tanta gala, descendia  
 Fà da estirpe de Agag, hum tronco infando;  
 E este sò em seu animo inclubia  
 Quantos a atroza raiz, pelo execrando  
 De sua planta, communicou mayores  
 Venenos ao fruto, & à sombra horrores.

2

A ambição, a cobiça, a deslealdade  
 Tinhaõ primeyro voto em seu conselho:  
 Nunca outra vio, que a imagem da maldade,  
 Se a consultar chegava o proprio espelho;  
 Fà mais a certa, cu ficta diuindade  
 Se dobrava deste impio o joelho,  
 Ou no que a noyte mostra, & esconde o dia  
 (Graõ palacio) julgou, que alguem vivia.

## 3

*Com todo o anelo a do invicto Persa  
Regia aula, buscavaõ, como a certo  
Centro as linhas da ambição perversa  
Deste em astucias sempre o mais experto;  
E logrando da sorte, antes adversa  
Fà benigna influencia, tanto ao perto  
Do real throno o chegou na authoridade,  
Que hum equivoco o fez da Magestade.*

## 4

*Era a sombra do Rey, ou o Rey sómente  
A sombra era, & Anão o que reynava,  
Mais contra a Magestade delinquente  
O que a dimitte, que o que a usurpava;  
Porque este a estima, effoutro indignamente  
Seu esplendor offende, esse, que a amava,  
Este mostrando està quanto a aborrece,  
Se a hum como adulterio a offerece.*

## 5

*Fà mais nos Ceos o Escorpiaõ funesto,  
De Medusa a cabeça, & o Basilisco.  
No peyto do Leaõ sempre astro infesto,  
Induzirão o mundo a tanto risco:  
Fà nunca a Idra, & o Orião molesto,  
Onde se forja o rayo, & o corisco,  
Tão maleficos forão desde a esfera,  
Como este iniquo da, que occupa, o era.*

## 6

*De Aulicos hum povo numerofo  
Sempre apos sy levava, parecendo  
Inda mais, que cortejo obsequioso,  
A larga cauda de hum Cometa horrendo;  
Porque não menos triste, & ominoso  
Era o aspecto, que estava offerecendo,  
Qual he a desse, que entre a escura sombra  
Da noyte no Ceo brilha, & a terra affombra.*

## 7

Sò Mardoqueo, que a inclyta morada  
 Da Reynante sobrinha frequentando,  
 Qual templo da que adora, na guardada  
 Porta, a está de fóra contemplando;  
 Essa do fero Amão tam respeitada  
 Grandeza em nada estima, detestando  
 Seu vulto ( que a divino sobreveste)  
 Scelesto, quando o affecta mais celeste.

## 8

Mas a nada o Amão soberbo menos,  
 Que ao Mardoqueo incognito attendia,  
 Que antes, que os olhos pôr em os pequenos,  
 Delles o carecer elegeria:  
 Objecto seu julgou sempre somenos  
 Qualquer, que as nuvens já não excedia,  
 E quando muito a vista se inclinava,  
 Dos montes no mais alto então tocava.

Nunca

## 9

Nunca já presumio, que algum ouzasse  
O estatuto violar de seu respeyto,  
Ainda que em não ter, se confiasse  
Outro fiscal, que o proprio conceyto;  
E quando o mais altivo o desprezasse,  
Desprezava o viver, pois com effeyto  
Era contra a, que logra inclyta sorte,  
Hum crime venial digno de morte.

## 10

Mas como os grandes são sempre assistidos  
Dessas linguas crueis, & venenosas,  
Que colhem de plantar em seus ouvidos,  
Se espinhas para os mais, para sy rosas;  
Estas com apparentes, & fingidos  
Argumentos delatão cautelosas  
De arrogante ao humilde, (ó caso acerbo!)  
No mesmo tribunal do mai soberbo.

## II

Não de outra sorte, que o elemento undoso,  
 Quando aos hombros do Boreas sibilante,  
 Rompendo o largo carcere arenoso,  
 Sôbir-se quer à esfera radiante:  
 Nem outro já, que o bosque, onde o frendoso  
 Da esmeralda a rubi passou flâmante,  
 Ficou o fero Amañ no vilipendio,  
 Que cuyda, irado mar, & largo incendio:

## 12

Quem seja Mardocheo, pergunta logo,  
 E sabendo pertence aos de Judea,  
 Essa, a quem já do Assyrio o ferro, & fogo <sup>4 Reg. 25.</sup>  
 Hrrrenda pyra fez, fez campa fea;  
 Quantos Hebreos a Persia tem no afogo  
 Do cativeyro, à morte sentença,  
 E quer que lave a mancha (ó furor novo!)  
 De hum leve aggravo seu, sangue de hũ Povo.  
 Não



## 13

*Não era no Hebreo justo a renitencia*  
*Ao obsequio de Amão, porque negasse*  
*Essa divida certa à preminencia*  
*Desse que o mesmo Ceo quiz que a gozasse;*  
*He celeste merce toda a excellencia*  
*No estado, ou nascimento, & o q̃ a privasse*  
*Do devido decoro, & cortezia,*  
*Tambem ao Ceo injuria lhe faria.*

D Paul.  
ad Rom.

13.

Daniel.  
3.

## 14

*Mas era adoração, divino culto,*  
*O que este soberbissimo affectava,*  
*Quando em suas acçoens, & feroz vulto*  
*Nem ainda o humano ser mostrava;*  
*E Mardocheo, que teme tanto insulto,*  
*O dobrar o joelho recusava*  
*Diante deste Theomaco em terra,*  
*Servindo-o na que ao Ceo fazia guerra.*

*Não*

# no Historia de Esther

15

*Não temia o suspendio, não a espada,  
Que a morte lhe daria em hum momento,  
Aquella vida teme eternizada  
Para o supplicio sò, para o tormento:  
Infeliz vida à morte sempre atada:  
Morte cruel, a que ser à sustento  
Vida, que hade ter sempre (ó triste sorte!)  
Em posse a pena, & em desejo a morte.*

16

*Temia transferir infielmente  
A gloria do Creator à creatura:  
A do Senhor ao servo, a do eminente  
Artifice ao que he desse a feytura;  
E a honra propria sò do Omnipotente,  
Do fraco, & limitado, á vã locura,  
Em que ao soberbo Amão se lhe anticipa  
Com Donosor, o Alexandre, & Agripa.*

## 17

*Succedeo neste tempo, que aleyvosos*

*Dous Eunucos de Amão favorecidos,*

*(Que sempre forão vinculos forçosos*

*De amizade os costumes parecidos)*

*Conferindo entre sy facinorosos*

*Intentos, dispuzeraõ fementidos,*

*Que o famoso Assuero em hum bocado,*

*De gostar outro algum fosse privado.*

## 18

*O' fortuna, tambem se humilde, izenta*

*Da vil conspiraçãõ! O' fragil taça,*

*Onde tem a efficacia mais violenta*

*Do toxico mortal a entrada escaça!*

*E quanto es mais feliz, que o que se ostenta*

*Alto estado, & em danos mil se enlaça:*

*Melhor, que o copo de ouro, esse onde o ameno*

*Licor se ri no barro, do veneno.*

*Serve*

Serve a guarda do Principe ao estado.  
De authoridade sy, não de defenja,  
Pois, como defensor, tal-vez no lado  
Vay de alguns o punhal da sua offensa;  
Nem lhe escusa a trayção, que o mais chegado  
A seu docel dispoem, & encontre infensa  
Ao diadema seu, & cara vida  
A espada, que menos foy temida.

O nobre Mardocheo, que ao Regio Paço  
Os passos seus sómente dirigia,  
No cuydado de Esther já nunca escaço,  
Ou o Sol nascesse, ou se acabasse o dia;  
Attento agora sempre ao ameaço,  
Que dos turbados vultos inferia  
Nos dous Eunucos, pode seus conselhos  
Ver nos rostos, que são d'alma espelhos.

## 21

*Passando pois a Esther pronto a noticia ,  
E esta ao Rey, forão presos, num momento,  
E para confessar sua malicia,  
As bocas lhes abriu duro tormento ;  
Pagàraõ a maldade , & a estulticia  
De seu desatinado pensamento,  
Com hum suplicio tal, tão horroroso,  
Que sò em os matar foy piadoso.*

## 22

*Quem contra o Rey conspira , certamente  
Conspira contra a sua propria vida ,  
E de matar o intento communmente  
Consegue , em ser de sy mesmo homicida :  
He a conspiração hum imminente  
Rochedo sempre , em que para a sabida ,  
Por toda a parte o ousado conspirante  
Funestos precipicios vê diante.*

# 114 Historia de Esther

23

*A lealdade de Mardoqueo na historia  
A depositou logo o douto estudo;  
Porque o tempo dos cofres da memoria  
Chave tem falsa, com que rouba tudo;  
Nem das acçoens heroycas a gloria  
Fà contra o vil esquecimento escudo  
De mayor força, ou melhor provateve,  
Que o do escrito papel, bem que tam leve.*

24

*Muyto sentio Amaõ, que a que traçava  
De dar a Mardoqueo severa morte,  
Desse, que aborrecia, aos que amava  
A transferisse a contraria sorte;  
E em furor tanto ardia, que mostrava  
Bastante a abraçar do que em seu forte,  
E irado peyto, incendio se lhe atea,  
Sómente bũa faisca a gente Hebreá.*

## 25

*A vingança he manjar sempre enganoso,  
Pois com ser de mil males o motivo,  
Todos quasi o desejão por gostoso,  
Sem que attendão ao muito, que he nocivo;  
Por não ser ao levar difficultoso,  
Parece delicado ao vingativo,  
He porèm tão pezado, que os seus danos  
Apenas os digerem largos annos.*

## 26

*Mas de Amão vede agora o desatino,  
Que do Principe incerto na vontade,  
Certo o dia quiz ter na do destino  
Sorte, para a que intenta atrocidade;  
E este o castigo foy de seu maligno  
E cruel odio, porque da vaidade  
Dessa, que olhos não tem, assim guiado  
Hum cego de outro, pare em despenhado.*

Notando pois, que o decimo-terceyro  
Do mes duodecimo, era o decretado  
Dia, que para ser o derradeyro  
Do infeliz povo, lhe dispunha o fado ;  
Ao oraculo entregue lisongeyro  
O prazo não recusa dilatado,  
Porque perecer possa a mayor custo ,  
Se no golpe hum a vez, mil pelo susto.

Hora de astro cruel o Amaõ quizera  
Ao Rey, para a vingança, que apetece,  
E o peyor dos maleficos da esfera  
No mesmo Amaõ ventagens reconhece,  
Logo, que conségiuda a considera,  
Astuto, & pronto este discurso tece,  
Que entre razoes caminha especiosas,  
Qual aspid venenoso polas rosas.



## 29

*Nas Provincias, senhor, do engrandecido  
Imperio vosso hum povo está disperso,  
Que em ser do Mundo todo aborrecido,  
Prova evidente tem, de que he perverso;  
Não se encontra outro algum tam conhecido  
Por de cerviz rebelde no universo,  
E tal he, que na pena mais acerba  
Deyxar não sabe a condição soberba.*

## 30

*Tem dos Deoses o culto por insano,  
E a hum Nume sómente sacrifica,  
Quanto he sacro entre os mais julga profano,  
E ao, que estes não crem, o deifica;  
Ao Ceo faz creatura, a Apollo humano,  
E à vista de sua luz tam cego fica,  
Que não vê, ser devido, que adoremos  
A Belleza mayor, que conhecemos.*

## 31

*Se nos desperta a tratar da vida,  
O novo dia, & logo que anoytece,  
Abre o Ceo tantos olhos, como a lida  
Dos cuidados diurnos adormece?  
Se entre esses breves astros assistida  
De mais pompa Diana resplendece,  
Qual se ostenta na joya radiante  
Entre os pequenos, o mayor diamante?*

## 32

*Se da fermosa Ceres o precioso  
Fruto ( do lavrador sempre cuidado )  
Aureo mar torna em Fulho esse espaçoso  
Campo, que no Dezembro foy prateado?  
Se nos regala o pomo laboroso,  
Quem em berço de esmeralda se ha creado,  
( Bem que de humilde tronco descendente )  
Merces todas do Sol são certamente.*

## 33

*E não são huns turibulos , que o brando  
 Vento move , essas plantas no perfume  
 De suas flores ( que ao Sol se estão queymando )  
 Inculcando-o tambem por sacro Nume?  
 Que injania pois não he , queyraõ , negando  
 Propria Deidade a tam supremo lume ,  
 A gloria transferir ( que ao declarado  
 Bemfeytor se lhe deve ) ao ignorado?*

## 34

*Dirà que he proprio em Deos o ser occulto,  
 Sendo porèm mais proprio o ser amado,  
 Como o poderà ser hum sacro vulto  
 A tam densa cortina retirado?  
 Deos não nos pede mais que honra, e culto:  
 Sò pertende de nòs ser adorado,  
 E já nunca seria em razão posto ,  
 Que negue ao pertendido obsequio o rosto.*

## 35

*Se com o ethereo globo se compara  
 O terrestre, he hum ponto abreviado,  
 Mas pezo superior (se se repara)  
 Ainda a tanto Athlante coroado;  
 E de hum senhor sò, querem, que â preclara  
 E celeste regiaõ baste o cuidado,  
 Nem componha dos Ceos essa suprema,  
 E immensa esfera mais de hum sò diadema.*

## 36

*Essa que experimentamos já benigna,  
 Contraria sorte já nos persuade,  
 Não manda na alta esfera cristalina  
 Com absoluto imperio hũa Deidade;  
 Sy porèm dividir-se nos ensina  
 Em muitos a celeste potestade,  
 E que de hum Deos no aspero castigo  
 Outro Deos nos ampara mais amigo.*

## 37.

Sendo o vínculo pois, que sò constantes  
Os povos tem do Rey na obediencia  
A mesma ley, & os ritos semelhantes,  
Neste certa ha de ser a renitencia;  
Sempre a vossos decretos repugnantes  
Os Hebreos achareis, com tal violencia,  
Que algum dia lembrando se de aggravos,  
Sejaõ de Tyro em Suza os mãos escravos.

## 38.

Quantos infames partos produzidos  
Da terrivel audacia o mundo sente,  
Dos alheys descuidos soccorridos  
Foraõ, se bem se adverte, certamente;  
Grandes incendios, de que os mais floridos  
Bosques tem padecido a flamma ingente,  
E estaõ Cidades muitas abrazadas,  
Tambem foraõ faiscas desprezadas.

## 39

Se escaça, & escura nuvem no Horizonte o obus  
 Cresce a bñã asperissima tormenta:  
 Se indistinto vapor, que exhala o monte,  
 Feroz, & cruel rayo se exprimenta:  
 Se breve prata na undosa fonte  
 A rio impetuoso se acrescenta,  
 Deste povo ser pôde inda a maldade  
 Em Persia rayo, rio, & tempestade.

## 40

Mas se o conselho meu não desmerece,  
 (Principe excelso) o credito a que aspira,  
 A maldade, que neste povo cresce,  
 Da espada tincta em sangue seu se infira;  
 Porque se o cativeyro, que padece,  
 De sua iniquidade o não retira,  
 Que remedio já brandopôde agora  
 Curar o mal, que o forte não melhora?

## 41

*Seja morte cruel, total estrago*

*Quem ponha termo a tanta iniquidade,*

*Que não vence o favor, & o doce affago*

*Odio, que origem tem sò na vontade.*

*Veja a Hebreia gente o duro pago.*

*De sua sempre acerba inimizade,*

*Conheça, que a clemencia desprezada*

*Tambem em castigar he a mais pezada.*

## 42

*O' Ceo! O' sempre occulta providencia,*

*Não menos que ao humano entendimento,*

*Ao Querubim mais rico de ciencia!*

*Té onde hade chegar este portento?*

*Té onde deste impio a violencia,*

*Que na de seu soberbo valimento*

*Alta esfera, qual trovão soando,*

*Rayos, & tempestades way deyxando?*

# 124 Historia de Esther

143

Attrahido da especie refulgente,  
Do claro Apollo, o julga divindade,  
Sem conhecer no Artifice eminente  
Dessa luz, este nescio, mais beldade;  
Porque, je a vista não, certo he, que a mente  
Racional a descobre, & indignidade  
Era que visse do supremo Nume,  
Como o do Sol, o irracional seu lume.

Sapient.  
13.

August.  
de error.  
Priscial.

44

Nem para ser amado necessita  
De ser mais evidente Deos, pois quanto  
Os olhos vendo estão, lhe solicita  
Tanta veneração, affecto tanto;  
E bem que occulto seja na infinita  
Perfeição de seu ser supremo, & santo,  
He tam claro tambem (sem que se mude)  
Que o não póde ignorar inda o mais rude.

S. João  
Damasc.  
S. Greg.  
S. Aug.

Os



45

Os beneficios conta, que a fermosa  
 Febe a luz devemos, porém erra  
 Na conta, quando nesta effa especiosa  
 Luz, em que se alucina, não encerra;  
 Ao que nesse alto Empyreo o solio goza,  
 Deve este claro luminar a terra;  
 Não he o Bemfeytor, he o beneficio,  
 Nem seu obrar vontade, mas officio.

46

Com tal espanto a contemplar se applica  
 Esse ethereo Palacio, que forçoso  
 Lhe julga o ser Divino, & o deifica,  
 Quando assim vive, que, o suppoem o ciolo;  
 E se habitado o cre; quanta publica  
 Sempre ignorancia na que obsequioso  
 Adoração lhe dà rendendo estulto  
 A casa, & ao que a habita, o mesmo culto?

Diz

## 47

Diz que he larga a celeste Monarquia,  
 Para hum só senbôr, sem que o uniforme  
 Governoscu, que já notar podia,  
 Dessa, que nega unidade, o informe:  
 Sem que em tudo o visível a harmonia,  
 E a de que não se apartaõ tão conforme  
 Ley sempre tantas causas inferiores,  
 Impossiveis lhe mostre mais senhores.

Prova-se  
 a Uni-  
 de de Di-  
 vina.

## 48

Que procede de varios soberanos  
 No Ceo, a differença considera  
 Dos casos, que varia entre os humanos  
 O que o Imperio só tem nessa alta e fera;  
 E com igual motivo em seus insanos  
 pensamentos este impio di scorrerà,  
 Se do premio, & castigo, que notará  
 Em hum só Reyno, muitos Rey julgára.

Não

49

Não entendi a nescio, que a divina  
 Essencia nunca pôde da unidade  
 Apartar-se, pois se faria indigna  
 Dos predicados seus, Bem, & Verdade;  
 Que he natural em Deos, ser hum, coesfusa  
 A razão mesma, pois na infinitude,  
 Que o suppoem tudo, tem já sobeja  
 Prova de que outro Deos não tem, que seja.)

50

Sobre tanta impiedade a argumentos  
 De furor se converte, & qual maligna  
 Constellação, do Principe orientos  
 Sinceros a violentos determina,  
 Fulga hum incauto Rey os pensamentos  
 Do seu valido iguaes sempre à benigna  
 Condição sua, nunca o cre culpa vel,  
 Porque não julga tanta fe viavel.

Mas

## 51

*Mas que culpados vós sempre ó Reynantes,  
 Que desses, que lograis olhos, & ouvidos,  
 Estes entregais sempre aos adulantes,  
 Essoutros substituis nos dos validos;  
 Felices vos julgais por dominantes,  
 Porém dos infortunios conhecidos,  
 Que outro igual ao de hum Rey quando se priva,  
 (Bem que morre per / y ) que per / y viva.*

## 52

*E o com que o Ceo o honrou, supremo officio,  
 De outros ao talento encomendando,  
 Não vê, que ou lhe despreza o beneficio,  
 Ou que errou a elegção, lhe está mostrando;  
 E que de sua inercia entregue ao vicio,  
 No que ao valido entrega imperio, & mando,  
 Publica ser (não sem injuria extrema)  
 Mais digno o seu criado do diadema.*

## 53

*Sem nada obrar, mil culpas commettendo,  
Em sy justo, em outro delinquente,  
E como fiador desse, querendo  
Pagar em tribunal mais preeminente;  
No odio de infinitos encorrendo,  
Por quem ambicioso ingratamente,  
Ao que já lhe fez roubo da vontade  
Acrecenta o da regia authoridade.*

## 54

*Grato pois ao discurso impio, & fero  
Com o sello do anel, que tem cingido  
Ao regio dedo, quiz logo Assuero,  
Se firmasse o decreto pertendido;  
Todo hum povo entregando ao severo  
Golpe, que lhe aconselha o mao valido,  
Não sómente (ó novo assombro, & medo!)  
Em hum abrir da mão, mas de hum só dedo!*

Com

## 55

Com menos culpa já do amor paterno  
 Obrigado, entregou o claro Apolo  
 Do luminoso coche esse governo  
 Ao Filho, que abraçou hum, & outro polo;  
 Que Ataxerxes a este, que do Averno  
 Furor imita a crueldade, & dolo,  
 O aureo anel, a que em commun's desmayos,  
 Quantos tem resplendores troca em rayos.

## 56

Porque logo nas portas da famosa  
 Suza se lêraõ os crueis edictos,  
 Que com sentença a todos espantosa  
 Da Persia os Hebreos dava proscriptos,  
 Entregando-os da espada rigurosa  
 Ao fio agudo, quando taõ afflictos,  
 E no estado infeliz seu taõ absortos,  
 Que já se empregaria em meyos mortos.

## 57

Não doutra sorte, que o que está oprimido  
No grave sono, do sonhado dano,  
Ou da espada, que o fere, ou do temido  
Despenho visto no fantasma insano,  
Ficou o povo Hebreo, tendo entendido  
O decreto do Principe inhumano,  
Que o halito lhe rouba, a voz lhe atalha,  
E no palido os rostos lhe amortalha.

## 58

Mas logo, que de horror suspensão tanta  
Qualquer pode cobrar-se, não duvida,  
Que era alivio da pena, que o quebranta,  
Esse breve parentesis da vida;  
E por fortuna já tivera em quanta  
Tribulação se vê, que (suspendida  
Mais tempo a alma) livrará em tanto aperto  
Da dor, a que o condena o estar desperto.

Por=

## 59

Porque cingidos de hum cilicio horrendo  
 As ruas discorriaõ da preclara  
 Suza em prantos, de que (o Amaõ não sendo)  
 O mayor dos tyrannos se abrandàra;  
 Bem, que esse mesmo pranto, que descendo  
 Dos olhos, mostra, que na terra pàra,  
 Alcança, aos Ceos subindo soberanos,  
 Perdaõ às culpas, & soccorro aos danos.

## 60

O Mardoqueo rasgando a vestidura,  
 Como era uso, mostrava em seus pezares  
 Das lagrimas continuas na amargura  
 Os, que o peyto em sytem, de afflicção mares;  
 E anticipando já da sepultura  
 A cinza, entre suspiros, em que os ares  
 Parecia gastar, patente à corte  
 Fazo que obrar à nelle em breve a morte.



## 61

*Mas porque o Hebreo prudente não ignora ,  
Ser o odio de Amaõ a officina ,  
Adonde se forjou esse , que agora  
Rayo contra o seu povo se fulmina ;  
O socorro da Bella Esther implora ,  
Porque no peyto regia a que domina  
Desta o amor , desse a privança move ,  
Mida hũ , & outro a espada , as forças prove.*

## 62

*Tremeo , pasmou , Esther nesta impensada  
Noticia , porẽm mais porque outro edicto  
A porta , que convem , lhe tem cerrada  
Para poder valer ao povo afflicto ;  
Nãõ sendo outra , que a morte , cõminada  
A qualquer , que pizar queyra o districto  
Do aposento real , sem ser chamado ,  
Por mais que , de escolhido , confiado.*

## 63

Amor, & medo sempre contendores,  
 No coração de Esther davaõ batalha;  
 Contra o soccorro o medo dicta horrores,  
 E o affecto em favor desse os atalha;  
 Hum diz, que não se arroje; outro os primores  
 De seu animo empenha em que lhes valha,  
 E por muito, que sinta a Hebreia gente,  
 Nesta contenda, he mais, o que Esther sente.

## 64

Pronto aviso a Mardoqueo despede  
 Da que lhe nega dura ley no humano  
 Altar do regio. solio essa, que pede  
 Entrada, a impugnar o edicto insano;  
 Mas, que não julgue, q̃ outro medo a impede,  
 Mais que de imaginar não seja ao dano,  
 E estado infeliz do povo afflicto  
 A sua pouca sorte outro delicto.

## 65

O Hebreo prudente a insta se oppuzesse  
 Intrepida, & veloz ao inimigo  
 Commum o fero Amão, & conhecesse,  
 Ser igual o triunfo ao perigo:  
 Que o poder, & a soberba não temesse  
 Do Amalecita, porque estylo antigo  
 Era da Ceo servir-se do instrumento  
 Mais debil contra as forças do violento.

## 66

Que do Assyrio se lembre, & do arrogante  
 Cananeo, hum na fronte asfinalado  
 Senão do S, do cravo penetrante: Judic. 4.  
 Tronco effoutro do alfange seu prostrado;  
 Dispondo a Providencia, que triunfante Judith. 13.  
 Da soberba dos dous lbes junte armado  
 O braço feminil no sono grato  
 Da morte o original ao que he retrato.

Hij

Esther

## 67

*Esther, a quem o affecto a persuadida*  
*Facilmente dispoz, se animou forte*  
*( Quando aos seus não segure a doce vida )*  
*Em os acompanhar na amarga morte;*  
*Delles pertende sò, como entendida,*  
*Que em jejuns, & oraçoens, da Empyrea Corte*  
*Lhe impetrem na propicia assistencia.*  
*Força aos rogos, & às palavras ciencia.*

## 68

*Mas nesta occupação tão piadosa*  
*A primeyra quiz ser, porque se crea,*  
*Serà Sempre com Deos mais poderosa*  
*A propria virtude, do que a albea;*  
*E de si despedindo a preciosa*  
*Gala, que mais seu animo recrea,*  
*Humildemente veste, que o tributo*  
*Primeyro, que se paga à dor, he o luto.*

## 69

*A seus fermosos olhos, no que sente  
 Riguroso tormento a toda a hora,  
 Do successivo pranto na corrente,  
 Quem os buscava Sol, os julga aurora;  
 Mas desse se conhece facilmente  
 Na copia, que essas lagrimas, que chora,  
 Querem deyxar de ser em seus pezares  
 As perolas agora, por ser mares.*

## 70

*O rosto por Metropoli estimado,  
 Onde a belleza toda concorria,  
 De seu largo jejum attenuado  
 Dessa gala hum deserto offerencia;  
 Nem as ansias, os sustos, & o cuidado  
 O tratárao com outra cortesia,  
 Que essa, que o fero Notò em seus furores  
 Custuma sempre usar co as lindas flores.*

## 71

No ultimo dos dias destinados  
 Para rogar ao que dos Reys encerra  
 Na mão os coraçoes, rege os agrados,  
 A ira, a piedade, a paz, & a guerra;  
 Deyxando dos temores, & cuidados  
 O susto, que a belleza lhe desterra,  
 A tentar animosa se aventura,  
 Quanto póde rogando a fermosura.

## 72

Vestio-se de hũa gala, a que invejava  
 O mais vistoso prado a galhardia,  
 No fulgor dos diamantes, que ostentava  
 Os termos dilatando ao claro dia;  
 Desses pore[m] a luz não igualava  
 E' de seus olhos, onde recebia  
 Amor, para causar mortaes desmayos,  
 As settas já deyxando, agora rayos.

73

*Assim galbarda com ayroso passo  
Ao throno de Assuero se encaminha,  
De hũa Dama entregando ao lindo braço  
Igual pezo, ao que Atlante já sostinha;  
Mas logo, que do Principe ao escaço  
Vulto sempre de agrados se avisinha,  
Pode bem ver, quanto he mor inimigo  
Muitas vezes o medo, que o perigo.*

74

*Porque de hum vão temor persuadi da  
Ao dano, de que o real estado a izenta,  
Verdugo o arma contra a propria vida,  
Quando a tantos livrar da morte intenta;  
E a hum desmayo se entrega tão rendida,  
Que as rosas de seu rosto lhe afugenta,  
E ao mesmo tempo (tanto a pena cresce)  
A hum Sol em dous orbes lhe escurece.*

Hiiiij

Mas

## 75

*Mas he a fermosura hum accidente ,  
 Que em qualquer outro encontra seu perigo ,  
 Perece na molestia , que o repente  
 De hum susto , de hum cuidado traz consigo ;  
 E assás se contentára , a ter somente  
 O que de tudo o he , por inimigo ,  
 Mas nem tempo ha mister , para que acabe ,  
 Porque tambem matar sem tempo sabe.*

## 76

*E quecido da propria magestade  
 Pronto Assuero de seu solio desce ,  
 Porque a pezar da regia authoridade ,  
 O manda amor , a quem tudo obedece ;  
 Sentindo a que affectou severidade  
 Co a linda Esther , já tanto se enternece ,  
 Que são os olhos seus , em ver tal dano ,  
 Se antes hum Ethna , agora hum Oceano.*



77

Imagina, que essa alma, que já era  
 Vida aos dous, lhe fuge à bella Dama,  
 Que sempre o fino amante considera  
 O perigo mayor, se he no que ama;  
 E ao ver, que seu desmayo persevera,  
 Quantos no peyto esconde affectos, chama  
 Em soccorro de Esther, & igual conforto  
 A que julga morrer, & ao que está morto.

78

Que lhe não cause, diz, essa violenta  
 Ley, que se promulgou, pena, & disgosto,  
 Porque he de todas certamente izenta  
 Quem as póde intimar dehum Rey ao gosto;  
 E se nunca no seu decreto intenta  
 Obrigar-se a si o Rey, fica supposto,  
 Ser tambem livre, a que por sua esposa,  
 Metade sua a faz Ley mais forçosa.

L. Pric  
 3.ª. de  
 1.ª. 3.  
 C. Adm.  
 33.ª. 3.  
 Cod. de  
 Crim.  
 expil.

Se

## 79

O generoso amor! quem o divino  
 Ser te applicou, viu bem tua nobreza,  
 Quando não escurece o peregrino  
 De teu resplendor claro a impureza;  
 Todo negado a ti, todo benigno  
 Sempre a outro, & à mesma Natureza,  
 Dando espanto (mais que em ti mesmo) achado  
 No objecto fiel de teu cuidado.

## 80

Quando se viu à condição celeste  
 Tua já mais o interesse unido?  
 Ou para outra, que dadiva quizeste  
 Sempre o ouro do mundo appetecido?  
 Quando o nome ao proprio conheceste,  
 Nem de ti mesmo o foste; se esquecido  
 De que vives, em tuas nobres chãmas  
 A respiração tua be o que amas.

81

De Filosofo o nome indignamente  
 Logra quem nada quizer, que fosse amado,  
 E huma alma constitue indifferente  
 Entre o objecto de prendas mais dotado.  
 As azas são da alma o intelligente,  
 E o amoroso, & quer o que elcufado  
 Lhe julga o amor que felizmente abraza,  
 Nesta Ave real hũa sò aza.

82

Se outro favor, se outra merce pertende  
 Não tarde em se explicar, que o extremo  
 De seu amor do tempo, em que suspende  
 A supplica, sòmente está queyxoso;  
 E se à meya Imperio seu se estende  
 A pertençaõ, que tem, ser à forçoso,  
 Sinta de tanto affecto a immensidade  
 Dar à de quem he tudo, sò metade.

As palavras do Rey o doce canto  
 Forão de Orfeo, que a Esther da sombra escura  
 De seu cuidado, tornaõ com espanto  
 De bum novo alivio à luz jereña, & pura;  
 Na tormenta, que sente, obráraõ, quanto  
 A cithara de Anfião; pois a amargura  
 Do mar de tanta pena já deyxando,  
 De seu desejo o porto vai tocando.

Restituida pois ao novo alento,  
 Ou com mayor razão restituida  
 Nessa respiração de seu tormento,  
 Ao grande Assuero a própria vida;  
 A causa de tentar desse aposento  
 Regio as nobres salas, advertida  
 Guarda para occasião mais opportuna,  
 Que de a saber buscar, consta a fortuna.

## 85

Sò , que se digne ~~me~~ authorizar , lhe pede,  
De seu grande valido acompanhado,  
Hum, que ordenou convite , donde excede  
Mais o affectuoso , que o guizado;  
Grato quanto deseja lhe concede  
O Principe, julgando se obrigado  
Novamente a este lanço , onde encontrava  
Fineza essa , que supplica esperava.

## 86

Não faltou em buscar prompto a delicia  
Da prevenida mesa , onde agradece  
A bella esposa em prato de caricia  
Os , que esta de gostoso , lhe offerece ;  
E o Amaõ , que presume ter propicia  
A Esther agora , tanto o desvanece  
Aqui o engano seu , que da memoria  
De outro sustento o priva tanta gloria.

Não

## 87

Não se querem lembrar os ambiciosos,  
 Que da fortuna já nos desvários  
 Formar pudera o pranto dos mimosos  
 Seus, de que se está rindo, largos rios;  
 Que são desta inconstante os deliciosos  
 Favores hum preludio dos desvios,  
 E espola apenas se estará inculcando,  
 Quando, o divorciar-le, já traçando.

## 88

Nunca no mar cossario, ou na campanha  
 Cobiçoso soldado, ao que cabido  
 Em suas mãos se vio, com furia estranha  
 Deyxou tão sem fazenda, & sem vestido,  
 Qual o vinho, & o amor, quando se entranha  
 No peyto do infeliz, que tem rendido,  
 Sem que o deyxê (por mais que recatado)  
 Nem segredo, nem ouro te: guardado.

De quanto pois a seu real erario  
 Tantos Reynos tributaõ de riqueza,  
 Co a bella Esther o fazem tributario  
 Ao Rey amante, a taça, & a belleza;  
 Do Imperio seu metade temerario  
 Lhe torna a offerecer, mas na grandeza  
 Da merce, que o entendimento a ignora,  
 (Bem que a vontade a fez) se adverte agora.

Mas a piedosa Esther, que só pertende  
 O golpe divertir da aguda espada  
 Ao povo seu, & a isençaõ entende  
 Propria de hũa vontade coroada;  
 Vendo quanta de amor chama lhe acende  
 Agrat a mesa, em mais bem ateada  
 Determina prudente, que o selecto  
 Se descubra do ouro desse affecto.

## 91

E assim depois, que ao Principe as devidas  
 Graças lhe rende em vozes de carinhos,  
 Mais proprias no amor, do que as polidas  
 Razoens, que devem ao estudo alinhos;  
 Lhe diz quer só, que quando despedidas  
 As sombras, volte o Sol aos mais visinhos  
 Horizontes, tambem se restitua  
 O da real presença à mesa sua.

## 92

Mas que não falte Amaõ, diz cautelosa  
 No intento seu, & ao infeliz no peyto  
 Não cabe o gosto, tendo na enganosa  
 Supplica, por de amor, do odio o effeyto;  
 Que a Rainha o venera obsequiosa,  
 Lhe dicta seu vanissimo conceyto,  
 Mas assim se verà sempre enganado  
 O da vaidade propria aconselhado.



## 93

Era Esther virtuosa, o Amão perverso:  
 Essa a todos fiel, este inimigo,  
 E no animo encontra puro, & terço  
 O infiel, & injusto o seu perigo;  
 Nem já nunca o fementido, & adverso  
 Com todos, achará leal amigo:  
 Em vão buscará sempre a deslealdade  
 Que m'lhe guarde a, que quer, fidelidade.

## 94

Da regia mesa já deixando o assento  
 Cheyô da vaidade, que o nutria  
 Mais, q' outro prato algum, dos q' ao sustento  
 O esplendido convite offerecia;  
 Notou a Mardoqueo, porém no intento  
 Firme, de l'he negar a cortezia  
 Do, que chega a affectar, divino culto,  
 Que elle divida julga, & effoutro insulto.

*Bem quizera, que a espada, que occupava  
Seu lado, no do Hebreo justo embebida  
Escrevesse com sangue a, que alcançava  
Quem se lhe oppunha, pena merecida;  
Mas porque o regio alcaçar o amparava,  
Desta já como ley sacra admittida  
O respeyto condena este malino,  
Que o da vingança tem por mais divino.*

*Mas logo, que os umbraes do ennobrecido  
Palacio, em que habitava, teve entrado,  
A consorte com quem o tem unido  
Mais inda o feróz genio, que o estado;  
E a dez filhos, de seu endurecido  
Animo originaes, E não treslado,  
Assim conta a que julga por acerba  
Injuria (a razão não) mas a soberba.*

97

Nenhum, que não ignore o soberano  
 Imperio do fortissimo Assuero,  
 Ou là nos Pirineos remoto Hispano,  
 Ou para o Caspio mar o Hircano fero,  
 Deyxa de o conhecer, senão me engano,  
 Que a larga authoridade com que impero  
 Nesses estados seus, só da suprema  
 Differe, pola falta do diadema.

98

Quantas já verteo lagrimas custosas  
 A bella Alva em seu candido passeio,  
 Que depois forão perolas preciosas  
 Ao abrigo, & favor do undoso seyo:  
 Quantas com suas chamas luminosas  
 Soe accender o resplendor Febeyo  
 Finas pedras de cores mais estranhas,  
 De meus cofres são lucidas entranhas.

*Mostra a, que habito, inclyta morada,  
 E assombro da famosa architectura,  
 Quanto já no primor Corinthio agrada:  
 Fà na Romana basi se assegura;  
 Desta o soberbo portico a entrada  
 Parece defender ao que procura  
 Seus limites passar, pois persuade,  
 Que a occupa mais que humana Magestade.*

*Descobrem dos jardins o artificiozo,  
 E o natural unidos, hum portento,  
 Sempre a qualquer deyxando duvidoso  
 Se excede neste o acaso, ou nesse o invento;  
 Quanto fingio o engenho do famoso  
 Chipre, aqui se descobre, & o brando alento  
 Que respiraõ, fragrante entre os verdcores,  
 Ambar se julga, & o seu mar as flores.*

101

De qualquer que os adorna, ou que os retrata  
 Clara fonte de traça peregrina,  
 Que nessa, que derrama undosa prata,  
 Rebenta de soberba se imagina;  
 Vista já mais se conheceo tão grata,  
 Nem he outra, que espelho a cristalina  
 Onda, que de seus seios vem descendo  
 Onde as fontes gentis se estão revendo.

102

A baxela, que brilha refulgente  
 Nas altas copas, soma hum gram thesouro,  
 Que excede a quanto no Pactòlo ingente  
 De prata em ondas se recolhe de ouro;  
 Das preciosas alfayas não consente  
 A riqueza algum preço, antes desdouro  
 Se deve julgar seu, que a tanto excesso  
 Outro, que a admiração seja, o seu preço.

*Mas que logro, se pobre entre riqueza  
Tanta me julgo, se entre o repetido  
De tanto objecto grato, he da tristeza  
A imagem, a que occupa meu sentido?  
E hum vil Hebreo desistimando a alteza  
Do solio, em que me vejo engrandecido,  
Quem como nuvem grossa, & vapor denso  
De minha gloria eclipsa o Sol immenso.*

*Assim diz, não só triste, mas furioso  
O arrogante Amañ, porque he no aggravo,  
Que julga receber, hum poderoso  
Mais, que senhor de sy, da ira escravo;  
E ferindo com pè facinoroso  
A terra, o labio morde, escuma bravo,  
Mostrando, quer levar este iracundo,  
Nas pontas da soberba sua o mundo.*

105

O Congresso lhe diz, que pois valia  
 Com Assuero tanto, larga conta  
 Se lhe dê desta injuria, que devia  
 Severo castigar qual propria afronta;  
 Que era imagem do Principe dizia  
 Cada qual hum valido; & que não monta  
 (Se do divino se quer attender ao trato)  
 Menos, que o original, o seu retrato.

106

Sem mais conselho logo â vista horrenda  
 De hum lenho assás fu nesto o alivio insano  
 Fiar quiz da sua dor, porque se entenda  
 Que até os olhos crueis são no tyranno;  
 De covados cincoenta a estupenda  
 Medida lhe assinou, mas sem engano,  
 Que, se nesse hade estar elle pendente,  
 A's culpas o ajustou do delinquente.

*Fà de evano em carroça marchetada*  
*De Estrellas scintillantes excedia;*  
*Metade da carreya custumada*  
*Essa, que as portas fecha ao claro dia;*  
*E ainda ao grave sono a delicada*  
*Planta, com que caminha, não sofria*  
*(Tão lento he em seu passo, & tão severo)*  
*Que aos olhos chegasse de Assuero.*

*Não andão de outro algum, que o regio leyto,*  
*Os negocios mais perto, destinado*  
*Ao descanso parece, que no effeyto*  
*(Menos o nome) sempre he sò cuidado;*  
*Se lhe affina ao Rey guardas o respeyto,*  
*Nos pensamentos lhas destina o estado;*  
*Essas, que o povo afastem de seu trono:*  
*Estas dos olhos seus obrando sono.*



## 109

*Toda a famosa acção lustre do estado  
Persiano a resgatava a douda penna  
Da injuria a que esse mobil elevado  
Em seus continuos gyros a condena;  
E era logo o volume destinado  
A real Bibliotheca, & não pequena  
A gloria de hum governo tão prudente,  
Que escusa memoriaes ao pertendente.*

## 110

*A esta lição fia o Rey famoso,  
Que esse importuno tedio lhe afaste  
De seu desvelo, & as horas do precioso  
Tempo as occupe, & não sómente as gaste;  
Nem duvida encontrar do delicioso  
Discurso na attenção esse, que baste  
Divertimento a vencer o enfado  
Do ocio, que he negocio o mais cançado.*

Não

## III

*Não he dos livros a lição penosa ,  
 E sò a accusa com doloso intento  
 Quem escusar-se a' s'ím cuida a forçosa  
 Fama de hum rude , & infeliz talento ;  
 Porque quando não seja deleytosa  
 Occupação o estudo, he sentimento;  
 Que por tenue não fere, nem magôa,  
 E le he lima , não corta, aperfeiçoa.*

## III 2

*Se he morrer entre os vivos , quem duvida  
 ( Se a payxaõ , ou a incuria o não cega )  
 Que tambem entre os mortos logra vida  
 O que a taõ nobre occupação se entrega?  
 He no vivente racional a lida  
 Fà estatuto, & ley , & se sossega  
 No grato sono o misero vivente,  
 O racional no estudo tam sómente.*

## 113

*He o mais proprio nos Principes a historia ,  
Não como o vulgar le , para que as conte ,  
Mas porque no prontuario da memoria  
Com o futuro , o que passou , confronte ;  
Nellas do heroyco se affeyçoe á gloria :  
Do indecoroso seu valor se afronte ,  
E hum conselheyro tenha no segredo  
De seu retiro sem lisonja , ou medo.*

## 114

*Já no compendio Historico chegava  
O Leytor ao lugar , onde o perverso  
Intento dos Eunucos se contava ,  
Contra o que era o primeyro do universo ;  
Do nobre Mardoqueo se declarava  
A fê , com que lhe escusa o golpe adverso ,  
Mostrando bem , q he o Reymelhor guardado  
De hum fiel peyto , que de hum campo armado.*

Dos

## 115

Dos desleaes se referia a pena,  
 E o premio do leal saber procura  
 O Rey, que a hum braço menos se condena,  
 Se do castigo, & não do premio cura.  
 São a basi estes dous, sobre que ordena  
 O Principe ostentar a fermosura  
 De seu Imperio, a que nunca exalta  
 Quando hum sobresahe, & o outro falta.

## 116

A essas quasi sempre defendidas  
 Ao fiel, ao forte, ao verdadeyro,  
 Franqueadas porèm, & offerecidas  
 Ao astuto, ao covarde, ao lisongeyro:  
 Dos meritos â vóz ensurdecidas:  
 Para as do indigno ao eco mais ligeyro:  
 De ouvidos cento; emfim portas do Paço  
 Grato ao que agrada, & ao que serve escaço.

117

O Delator, lbe dizem, que assistia  
Da vil conSPIraçãõ pendente espada  
(Se propicio o Ceo a não desvia)  
Sempre sobre a cabeça coroada;  
Porèm sem premio algum, quando o devia  
Condecorar a honra da estimada  
Civica insignia, lustre decoroso  
Do bem publico ao defensor famoso.

118

A este tempo as redeas, que Phaetonte  
Tão mal regeio, batia nas volantes,  
E undosas crines de Phlegon, & Ethonte,  
Esse, que o carro guia de diamantes;  
De suas luzes no mais visinho monte  
Fà sobre as verdes plantas radiantes  
O derramado ouro se notava,  
Onde tanta esmeralda se engastava.

## 119

Quando o cruel Amaõ, que na lembrança  
 De executar seu odio não sossega,  
 Proprio do que ao cuidado da vingança  
 Cega, ou do Amor cego, se entrega;  
 Não aposento real, porque a privança  
 Nem a mais interior porta lhe nega,  
 Entrava, estando já nascido o dia,  
 Bem que em sua fortuna a noctecia.

## 120

Porque cansado o Ceo dos pensamentos  
 Impios deste cruel, lhe determina,  
 Que esse, que impulso foy de seus aumentos,  
 O venha a ser agora da ruina;  
 E sejaõ tanto mais seus sentimentos,  
 Quanto he de hum soberbo na malina  
 Condição, mor tormento, que a memoria  
 De seus danos, dos emulos a gloria.

121

Chegado pois ao leyto, onde assistia  
 O Affuero, a quem já desvelava  
 Mais que a falta do sono, que sentia,  
 A do premio, que ao Hebreo fiel tardava;  
 Logo lhe pergunteu como podia  
 O Principe mostrar donde chegava  
 Para hum vassallo, a quem honrar deseja,  
 Muito mais seu poder, que a alhea inveja.

122

Não presumio o nescio ambicioso,  
 E aos meritos alheios sempre cego,  
 Que outro, que elle não fosse, do mimoso,  
 E real affecto podia ser o emprego;  
 Effeyta tambem julga de forçoso  
 Astro esse do Rey del'assossego  
 Em seu favor, que o ruim, & menos digno  
 He, quem cuida ter sempre o Ceo benigno.

# 164 Historia de Esther

123

*A tanto pensamento persuadido,  
E que à propria cleyção lhe entrega o fado  
Benevolo, o dispor-se o mais luzido  
Passeyo, que a soberba tem logrado;  
Desta sorte falou, bem esquecido,  
Que artifice se faz de hum sublimado  
Triunfo, em que o Ceo tem feyto conta,  
Que a gloria seja de outro, & sua a afronta.*

124

*Senhor, quando da Regia Magestade  
Sómente o benigno affecto basta  
A engrandecer qualquer, que dignidade  
Não será curta a quem o amor lhe gasta?  
Mas pois do mesmo Sceptro a potestade  
Quanto a seu gosto se pôde oppor ~~se~~ afasta,  
Meu dictame exporey, senão discreto,  
Sempre da parte mais do vosso affecto.*

Dizia



125

Dizia pois o Rey, que essa, em que a nobre  
 E Tyria cor hum vivo fogo acende,  
 Que os regios hombros (onde quando os cobre,  
 Parece, que arde mais) menos offende;  
 Authorizasse ao que hoje se descobre,  
 Que a mais tanto; & que logo esse, que prende  
 Vossa fronte diadema, o ennobreça,  
 E o vosso amigo outro vos pareça.

126

E subido ao Quadrupede arrogante,  
 A quem sò vosso braço lhe mitiga  
 O ardente furor, com que inconstante  
 Bebe a escuma no freyo, que mastiga,  
 Passee a larga Corte, indo diante  
 Deste Imperio o mayor, que a vozes diga,  
 Com tão nobre triumpho he sublimado,  
 Quem chega a merecer do Rey o agrado

## 127

*Assuero, que attento não duvida ,  
 Persuadir-se o Amaõ ser , quem merece  
 Sò do Rey os extremos, & à medida  
 Os diçta da ambição, que nelle cresce ;  
 Logo em castigo quiz da desmedida  
 Proposta , que no mesmo , que aborrece ,  
 A pompa veja, & não com dor escaça  
 De que à sua soberba deve a traça.*

## 128

*Corre pois, lhe responde, & sem demora  
 Ao fiel Mardoqueo , a quem deyxaste  
 Sem premio, do que diçtas na melhora  
 Pontual lhe compensa , o que tardaste ;  
 O mayor es do Imperio, & se esse agora  
 Para levar as redeas applicaste ;  
 O transferillas a outra mão , seria  
 Negarte injustamente a mayoria.*

129

*Tambem quero, se deva à gravidade  
De tua voz esse pregaõ glorioso,  
Porque sempre tem mais authoridade  
A voz do soberano, & poderoso;  
E vè que detrahir da magestade  
Do que dictaste triunfo especioso,  
A dano te condena, em que he preciso,  
Te ampare sò o soccorro deste aviso.*

130

*Pasmoi o infeliz neste impensado  
Golpe, que a ferir seu diamantino  
Peyto tal rigor tem, que era scusado  
Mayor força buscar no repentino;  
Porque ver hum soberbo, que a pizado  
Do humilde o leva algum fatal destino,  
De astro contrario (quando o sente pouco,  
E estar em sy parece) fica louco.*

## 131

*Executou porèm quando dictava ,  
Obedecendo ao Principe terrivel,  
E nesse mesmo, foy que se ordenava  
Claro triumpho , o despojo affás plausivel;  
Depois se recolheo , aos que encontrava,  
Negando o rosto , porque se o sensivel  
De seu mal passar póde a mais tyranno ,  
He ver os que se alegraõ de seu dano.*

## 132

*Do grande disfavor , que a inconstante  
Sorte nesta occasiã com elle usàra ,  
Aos seus deo conta , a quem mais diligente  
Sempre no adverso a fama já chegàra ;  
Em huns , & outros foy o pranto ingente,  
Sabendo , que hum valido nunca para  
O fado tendo já menos propicio ,  
Se não medindo todo o precipicio.*

## 133

O virtuoso Hebreo , que da mundana  
Gloria tão pouco fica impressionado ,  
Como do brando aljofar , com que ufana  
A Aurora enriquece o verde prado ;  
E porque dos rigores da tyranna  
Sentença inda se teme, o antigo estado  
Repetio, mas fiado em que os já feytos  
Favores nunca o Ceo deyxá imperfeytos.

## 134

Mas porque se chegava do convite  
De Esther offerecido ao Rey a hora ,  
Foy convocado Amão , bem que o limite  
Ser de sua soberba ainda ignora ;  
E que a contraria sorte neste invite  
( Que he jogo o da fortuna ) quer agora ,  
Que deyxé pelo modo mais funesto  
De sua infame vida o infeliz resto.

## 135

*Não devia fiar-se este imprudente  
 Tam depressa da sorte, que inimiga  
 Exprimentou, nem crer, que de repente  
 Ao infeliz estado o feliz siga:  
 Dar tempo ao tempo he arte do prudente,  
 Que ignora o ambicioso, porque o instiga.  
 O pensamento seu sempre sobejo,  
 E se aconselha sò com seu desejo.*

## 136

*Ao entrar pelo Paço não diviza  
 O de que antes se via acompanhado  
 Nobre cortejo, indício, que o aviza  
 De estrella já contraria a seu estado;  
 Que he o desdem nos aulicos preciza  
 Conjectura da queda de hum privado,  
 E destas Clicies o inclinado rosto,  
 De que o Sol de sua sorte he quasi posto.*

## 137

*A bella Esther na mesa, onde conhece  
Crescer de Affuero o amor pelo excessivo  
Dos brindes, em que he força, se adormece  
O racional, desperte o sensitivo;  
Em carinhosos mimos lhe offerece  
Ao rendimento seu novo incentivo,  
Pois com ser natural o amor, mais parte  
Sempre nelle terá o estudo, & a arte.*

## 138

*Despojado o Rey já da magestade,  
Que não tem com amor lugar bastante,  
Trocada a natural severidade  
Na brandura, que he propria ao fino amante;  
Todo entregue nas mãos de bñã Beldade  
Cativa, o entanto Imperio dominante,  
Queyxa lhe faz, que em não pedir, a fama  
Lhe detrabe, do que póde, ou do que ama.*

## 139

O' poder sem igual da fermosura ,  
 Que em forças sempre a tudo superiores,  
 Não ha mister da sorte na segura  
 Vitoria , que tem sempre os seus favores ;  
 Quem de não ser rendido seu procura  
 A gloria, nem sentir quer os rigores  
 De seu Imperio , bem que Alcides seja ,  
 Escuse o contender , deyxte a peleja.

## 140

Não era o Goliath , nem Leam era  
 Aque foy só co a vista poderosa,  
 Para postrar o mesmo , que vencera  
 Desses as forças : deffoutro a sanha irosa ;  
 E hum, a quem de mil braços não rendera <sup>Jud. c. 17.</sup>  
 O esforço todo nem a rigorosa  
 Prizaõ em nexos repetidos teme ,  
 De Dalila a hum só pelo atado geme.



## 141

*Aquelle coração, a que a largueza* 3. Reg<sup>te</sup>  
4.  
*Dos mares fez sómente igual medida,*  
*Essa foy aos caprichos da belleza*  
*Verde folha dos ventos impelida;*  
*E a mesma Esther agora nesta mesa*  
*Nos mostra com assombro, na rendida*  
*Vontade do que manda hum Emisferio,*  
*Quanto he mayor da fermosura o Imperio.*

## 142

*A linda Dama pois não duvidando,*  
*Que em tudo o que pertenda, o Rey benigno*  
*Tem já, porque o Ceolho está entregando*  
*Atado a seus cabellos de ouro fino;*  
*Primeyro (do que a voz) do peyto brando*  
*Hum suspiro tirando (nunca indigno*  
*Prologo das razoes, com que pertende*  
*A belleza obrigar) estas expende*

## 143

Sobirme quiz, Senhor, vossa grandeza  
 De huma cativa humilde ao elevado  
 Lugar, onde não pôde em tanta alteza  
 Já a vista alcançar o antigo estado:  
 Era a necessidade, e a pobreza  
 Meu dote, e hoje o he, por vosso agrado,  
 Quanto creou preciosíssimo atègora  
 Rindo-se o claro Sol, chorando a Aurora.

## 144

Quizestes, que a diadema respeitada  
 De Provincias cento e vinte sete  
 Condecorasse a fronte ameaçada,  
 Por condição de escrava, de hum ferrete;  
 Bem que outro não ser à tão sublimada  
 Merce em mim, por mais q' honrarme affecte,  
 Que esse final, que o ferro com desdouro,  
 E hoje sem elle mo imprime o ouro.

## 145

Foy neste Imperio vosso ( que só acabe  
Onde , & quando do mundo a imagem bella )  
Tal a fortuna minha, que não sabe  
Ainda a admiração encarecella ;  
Esse , a quem da benigna sorte cabe  
Menos , já hoje a mais ditoso appella ,  
Nem ha morta esperança , que ao invite  
Do exemplo, que em mim vê , não rescite.

## 146

Mas para que encareço a sorte minha,  
Se tanto chego a ser infortunada,  
Que deixo no estado de Rainha  
O exemplo de â morte condenada?  
Nem outro, que este medo , me detinha  
A usar da merce , que em porfiada  
Instancia me fazeis , donde se segue,  
Sò ter mais, que ao mortal despoio entregue.

## 147

Ao misero povo, a que o patente  
 Edicto vosso à morte sentencea,  
 Pertença, & se he convosco delinquente  
 Em ser Hebreo, ò Rey, eu sou Hebrea;  
 Nem deyxarey de ter, quando innocente  
 O vejo padecer, por acção fea,  
 Negarme delle, & se he vosso empenho,  
 Derramar este sangue, este he, que tenho.

## 148

Mas que gloria ao real nome lhe acresce  
 Com tal rigor, com tanta impiedade?  
 Entre as feras o Imperio estabelece  
 O furor, entre os homens a piedade;  
 Se ao Leão o Sceptro se offerece,  
 He na republica, onde a puridade  
 Da razão falta, porque desse he digno  
 Na racional sòmente o mais benigno.

## 149

*Prouvera ao Ceo, Senhor, me commutasse  
A Magestade vossa esta sentença  
Num desterro onde o pranto aliviasse  
A falta de vossa inclyta presença ;  
Mas não, que a que vos ama se acabasse  
Doce vida, se acaso differença  
Póde encontrar do amante a infeliz sorte  
Entre a cruel ausencia, & a dura morte.*

## 150

*Não procedem porém da generosa  
E real condição vossa estes rigores,  
Mas de hum perverso, a quem sempre odiosa  
Sempre he contraria a vida dos melhores;  
E quem vos diz, Senhor, não ser dolosa  
Cautela deste iniquo em seus furores,  
Para usurpar do Sceptro a Magestade  
O extinguir primeyro a lealdade?*

*Quem*

## 151

Quem seja, lhe pergunta o Rey severo,  
 Esse, que no seu Reyno pôde tanto.  
 He (lhe responde Esther) este Amaõ fero,  
 Que com a vossa poem ao mundo espanto.  
 Hum ethnia lhe accendêraõ no Assuero  
 Estas palavras, bem que no Amaõ, quanto  
 Sangue tem, se gelou, que no sugexto  
 Diverso tambem o he da causa o effeyto.

## 152

No Rey, que à ira move, accendeo fogo,  
 Porque he esta payxaõ ignea, & ardente:  
 Gelou a effoutro, porque o entrou logo  
 O medo, que he em si frio accidente;  
 Ambos deyxãõ a mesa, hum pelo afogo  
 De seu furor: o outro, porque sente  
 A sua vida no ultimo perigo;  
 Que o ruim sò abre os olhos no castigo.

Sobre

## 153

*Sobre o leyto , em que Esther se recostava ,  
Se lançou , pertendendo temeroso  
Nesse que da clemencia imaginava  
Altar , mover seu animo a piadoso ;  
Por mais rogos porèm , que acrescentava ,  
Inutilmente roga , que he forçoso ,  
Que não tenha de hum impi o nos gemidos ,  
E rogos a vingança justa ouvidos .*

## 154

*Affuero , que a hum jardim se retiràra ,  
Porque o tem a vehemente ira assaltado ,  
E se lembra de quanto antes erràra  
Em castigar com animo indignado ;  
Ao repetir a mesa , que deyxàra ,  
Diz ( vendo o triste Amaõ inda enlaçado  
Nos pès de Esther ) Em a presença minha  
Opprimir o traydor quer a Rainha .*

## 155

*Não se deve negar que entre o precioso;  
De que o despoja a qualquer seu vicio;  
He a boa opiniaõ, sendo forçoso,  
O confirme na ruim hum leve indicio;  
Era este Amaõ cruel, era furioso,  
E a lançaõ se attribuiu de maleficio  
A que era humilde supplica, & a pena  
Leva a que a opiniaõ prava o condena.*

## 156

*Harbona, que notára o lenho immenso  
Ao nobre Mardoqueo já prevenido,  
Logo ao Rey propoz, que este do infenso  
Amalecita à culpa era medido;  
Nelle quer Assuero, que suspenso  
Seja o Amaõ, porque no desmedido  
Patibulo, & final sempre do excessso  
Dos crimes, tenha o deste o seu processo.*



## 157

*Apenas pois o Rey o sentencea  
 Ao vil supplicio, quando em hum momento  
 De Suza a praça vio a imagem fea  
 Desse, já sempre horror, nunca escarmento;  
 E nelle o rayo da Nação Hebreá,  
 Que consumido em seu mesmo violento  
 Impulso ajunta agora o duro pago  
 De sua pena ao que fizera estrago.*

## 158

*Vé pois ó infeliz essa, que amaste  
 Sempre louca vaidade, ambição cega,  
 Que depois que em teu peyto a fomentaste,  
 Traydora a hum suspendio vil te entrega.  
 De aerios pensamentos te alentaste,  
 E esses te adianta quem te agrega  
 Ao patibulo alto, se estás posto  
 No elemento, que foy mais de teu gosto.*

## 159

*Sempre do Ceo os olhos divertiste,  
E para os pôr nelle não tiveste  
Lugar na morte, porque o laço triste  
Te obriga, a que os inclines ao terrestre;  
Atudo os vãos aumentos preferiste  
No mundo, & o que elle soe dar tiveste,  
Porque não ha mais certo desengano,  
Que opprimir sempre o mundo ao mundano.*

## 160

*Nenhum o conheceo dos seus amigos,  
Que o desvalido he como inficionado,  
E o falso amor, que he lince nos perigos,  
Ao fino deyxá o ser nelles vendado.  
Festejaão tanto dano os inimigos,  
Dos outros ninguem sente, porque o fado  
Do grande, & poderoso, na memoria  
Fá mais serve de dor, serve de historia.*

A

161

A sentença , que disse mais verdade ,  
 Avisa , que o da sorte perseguido  
 Não encontra na sua adversidade  
 Outras , que escusas ao favor pedido :  
 Que não ha nos Palacios amizade,  
 Nem tam commun lição como ( fingido  
 E attento às occasiões mais opportunas )  
 Não conhecer pessoas , mas fortunas.

162

Gozar do Principe a extrema graça  
 Não se hade pertender ( mas conseguida )  
 Prudencia singular , insigne traça  
 Importa a quem não quer vella perdida ;  
 E se a trocou ( que he facil ) em desgraça  
 Accidente qualquer , em conhecida  
 Fuga , ainda verá o mais amigo ,  
 Porque os não tem o dano , & o perigo.

*Associau de Amão a sorte iniqua*  
*Dez filhos seus à sua acerba pena,*  
*Não porque o proprio sangue os sacrifica,*  
*Mas porque a culpa propria os condena;*  
*Vista horrenda! mas a que verifica,*  
*Quanto o paterno exemplo desordena,*  
*Se he perverso, porque nos difficulta*  
*Deformar do que he origem força occulta.*

*Se muitos de nobreza, & fermosura*  
*Dotados vemos: muitos de riqueza,*  
*Raro porèm quem de virtude pura*  
*O seja, não se culpe a natureza;*  
*O nobre, o bello, o rico se procura*  
*Nos desposorios sò, nunca a pureza*  
*Da virtude, & he forçoso, que se note*  
*Proprio aos filhos, o que aos payz foy dote.*

165

Nem da arvore infecta se imagine  
 Que poderá nascer pomo perfeito,  
 Quando contrario vemos se define Luc. 6.  
 Pelo que errar não pôde em seu conceyto.  
 Não crer, disse Domicio com insigne  
 Verdade, ser pudesse de proveyto Sueton.  
in vit.  
Neron.  
 A Roma, o que nascia da malina  
 Condição, que em sy nota, & de Agripina.

166

O Rey que de Esther soube era sobrinha  
 Do fiel Mardoqueo; que essa fineza  
 De lhe guardar a vida ao da Rainha  
 Tio chague a dever, he o que mais preza.  
 E porque de o exaltar como convinha  
 Tem mais motivo, o sobe a essa alteza,  
 Que se ao soberbo Amaõ foy precipicio,  
 No humilde ser à estavel beneficio.

*Na purpura tambem, que ao Rey por pura  
 Se dedicon, quer que inclyto appareça,  
 E de sua fé na mesma vestidura  
 Hum argumento aos olhos offereça;  
 Não menos, que o anel regio (em que se apura  
 O mayor valimento) se conheça  
 Negado ao Amaõ, porque o offende,  
 E já na mão de hum braço que o defende.*

*Os humildes são bons, como inclinados  
 Valles, onde as gratissimas correntes  
 Da divina piedade, & os sossegados  
 Rios de seu favor descem frequentes:  
 Fermosas palmas são, que aos elevados  
 Montes da vãa soberba, transcendentos  
 Costuma o Ceo fazer, quando se via,  
 Que o peso da humildade os abatia.*

## 169

*E que obra se admirou do soberano  
 Architecto de mayor sublimidade,  
 Que a não fabricasse o soberano  
 Poder seu no alicerse da humildade?  
 Tudo do nada fez, E porque o engano  
 Mais se confunda da humana vaidade,  
 Nos mostra, que fazer tudo lhe agrada,  
 De quem se julga em seu conceyto hum nada.*

## 170

*Em Mardoqueo o adverte essa pomposa  
 Vestidura, que á lugubre succede,  
 E o diadema, que a cinza luctuosa,  
 De que os cabellos cobre, lhe delpede;  
 Não menos o aureo anel, especiosa  
 Insignia, em que o governo o Rey lhe cede,  
 E arras de hum securissimo consorcio  
 Com essa, que do Amaõ já faz divorcio.*

## 171

*Mas porque revogar-se o edicto falta,*  
*Que inda he terror ao povo, & a Esther espãto,*  
*Com essa ao amante Rey o assalta*  
*Arma invencivel da belleza o pranto ;*  
*E no campo a que neve, & rosa esmaltada*  
*Plantando a bateria, o apertou tanto,*  
*Que asfina quanto pede esta fermosa,*  
*Só a partido de a não ter queyxosa.*

## 172

*Aos que as Provincias regem pronto aviso*  
*Mandou logo expedir, insinuando*  
*Não valia o decreto em prejuizo*  
*Da ley, que tem co Principe igual mando;*  
*Nem tivesse vigor quanto o invizo*  
*Amaõ dictara, hum povo destinando*  
*Victima infeliz da detestavel*  
*Vingança, que ao soberbo he sempre amavel.*



## 173

*Dos Hebreos permittio á propria espada  
Faça a conta aos aggravos recebidos,  
que , sem esta na mão , he sò pezada  
Lembrança nos de forças destituídos;  
Mas ( não o Rey ) o Ceo , que da magoada  
Queyxa nunca retira seus ouvidos,  
Para a justa vingança de seus braços  
Quebrar quiz as prizoens , romper os laços.*

## 174

*Elegê para tanta empreza o dia,  
Que ser o da extinção sua mostràra  
Aquella sorte vãa , que o não podia  
Ter visto , se , em que he cega , se repara;  
Pois sò o que a celeste Monarquia,  
E a terrena governa, nos declara,  
Que em seu immenso punho encerra a sorte  
Humana, & sò dispoem da vida, & morte.*

## 175

*Instava pois o dia decretado  
A vingança fatal, & descobrindo  
Vinha seu rosto sempre recatado  
Essa, que o caro irmão quer vir seguindo;  
Huma o, que não merece, triste fado  
De seu leyto chorando, effoutro rindo  
Da queda, que dos altos montes dando  
As sombras vão, em sua luz chegando.*

## 176

*Quando de hũa a outra parte conduzida  
De seu furor, em esquadraõ volante,  
Qual dece sobre a preza estremecida  
Com voo arrebatado Aguia arrogante:  
Ou qual raudal undoso, que a opprimida  
Foz já rompeo com impeto pujante,  
Se arremecava ao idolatra impio  
O Hebreo Aguia veloz furioso rio.*

177

*Não valeo privilegio ao feminino  
Sexo em tanto furor, & ao delicado  
Peyto da extincta mãy bebe o menino  
Com o purpureo humor esse nevado;  
Morta cabe a donzella, & ao golpe indigno  
He já o collo candido inclinado  
Obelisco a sua misera fortuna,  
Se dos trofeos de amor era coluna.*

178

*Se em hum o ferro en sopaõ, ao que palpita  
Deyxaõ, por embeber noutro a espada,  
Que contra o peyto desse sollicita  
A injuria feyta, & nunca perdoada;  
Quinhentos postrou em Suza o Israelita,  
E nem estando em sangue tão manchada  
Perde o ser lirio, a que seu nome allude,  
Posto que nesse dia a cor lhe mude.*

*Nas mais Cidades , onde a concedida  
 Licença se extendeo , não se contenta  
 O Hebreo com menos , que deyxar sem vida  
 A cinco mil , depois já de setenta;  
 Porém nesta vingança , onde excedida  
 Foy da satisfação a injuria , aumenta  
 Seu triunfo , não ter este o desdouro  
 De encher hum punho o ferro, & o outro o ouro.*

*Tanto este povo , em que igualmente antiga  
 He a ingratação , que o nascimento,  
 Favor sempre encontrou no que o castiga,  
 Há já sobre annos mil seis vezes cento;  
 Sem que a fé , de que Deos tanto se obriga,  
 E o culto seu , a que hoje vive attento,  
 Ponhão termo aos danos , que lamenta,  
 Mas como o podem ter no que os aumenta?*

## 181

Como lhe hade valer a que imagina  
Ser pura fè, sendo infidelidade,  
E esse, que por culto lhe destina,  
E he insulto, superstição, vaidade?  
Se nescio o ignora, o dano seu lho ensina,  
Porque se ao justo he Deos todo piedade,  
Quando se justifica a si, no injusto  
Castigo quer, que o Ceo não seja o justo.

## 182

E se nos diz, que he pena da passada  
Idolatria, essa piedade offende,  
Que tal-vez do castigo està magoada,  
Mas do perdão já nunca se arrepende;  
E como póde ser, que na emendada  
Culpa, esse mesmo braço ( que o defende  
Quando queyxofo ) a vibrante folha  
Por seculos tão largos não recolha?

Quan-

## 183

Quando por justa pena aos desvários,  
 Que commettera já, padece tanto,  
 Que esses de Babylonia largos rios,  
 Buscando o mar, o encontraõ no seu pranto:  
 Quando a cithara aos alamos sombrios  
 Entrega, & de Siao ao doce canto  
 Tem sua dor mudo silencio posto,  
 Que este as exequias fez sempre do gosto.

Psal. 136.

## 184

Pelo famoso Cyro o Ceo piadofo,  
 (Que condoído já em seus pezares  
 Das nuvões lhe mandou manjar gostoso,  
 A seus pès a soberba poz dos mares)  
 De o traduzir se digna ao delicioso  
 Patrio assento, & suspirados lares,  
 Com igual gosto, ao que (quando o aperta  
 Algum sonhado mal) quem já desperta.

Exod. 16.  
 Psal. 77.  
 Exod. 14.

Pois

185

Pois se inda ingrato, & Politheo o ampara,  
 E pontual cultor da ley, seu vulto  
 Sacro lhe nega, como quer mais clara  
 Ver a vaidade desse errado culto?  
 O' estupidez da Hebreia mente avara  
 Da razãõ sempre, & hoje mais, se estulto  
 O bello original desestimando,  
 Ao retrato já vaõ se está entregando!

186

Nem eraõ outras, as que o Ceo fiava  
 (Que imagens do futuro) â gente Hebreia;  
 E se nos diz, que nada debuxava,  
 Ociosa a Ley de Deos, quer que se crea;  
 Sem entender, que approva o que a notava  
 Ley pueril, sem realidade idea,  
 E a opiniaõ segue (tanto he o engano,  
 E erro seu) do Arabe profano.

D. Paul.  
 1. Ad.  
 Corint.

Aver-  
 roes.

Mas,

## 187

*Mas, se qual deve, a julga precursora  
 De outro estado melhor, no soberano  
 Da Catholica Igreja, o póde agora  
 Bem ver, se quer depor seu odio insano;  
 E como o será mais, quando a que adora  
 De morta cor (he tal o seu engano)  
 Que a não quer vivamente retocada,  
 Morta a estima, aborrece-a animada?*

## 188

*E que outro venerou o antigo, & attento  
 Hebreo lá no Manna, que o, que piadoso  
 O catholico adora, Sacramento,  
 Por sem substancia pam, mais substancioso?  
 Nem já podia ser, que o alimento  
 Seu, sem outro mystério, no famoso  
 Templo asservassem, com indignas obras  
 Sò adorando do seu sustento as obras.*



## 189

Se a que os sarou serpente no deserto, Núm. 21.  
 Não figurava a Christo no sagrado  
 Lenho da Cruz, onde este Deos he certo,  
 Sarou da culpa o mundo vulnerado;  
 A Moysès culpaõ, que os mandou no aperto,  
 Que sentiaõ, ao metal effigiado  
 (Sem representação mais alta, & pia)  
 Rogar com evidente idolatria.

## 190

Na mesma Esther, que applaude, ver pudera  
 Este povo adumbrada, a que ditosa  
 Por humilde na de huma, & outra esfera  
 Metropoli o mais regio solio goza;  
 Nem ser mais que retrato, a que venera  
 Cativa, & já Rainha, da que Esposa  
 E mãy desse Monarca, que a buscava  
 Para Rainha, & se disse escrava.

Luc. 1.

M

Não

## 191

*Não fez dessa primeyra fermosura  
Visível o modelo , nem a traça  
Riscou tambem da nobre architectura  
Dos orbes , nem do campo ideou a graça;  
Mas dignamente desenhar procura  
O Artifice supremo essas , que abraça ,  
Perfeyçoens , sò Maria , a quem se humilha  
Quanto no campo alegre , & no Ceo brilha.*

## 192

*Não que temesse o que sò não erra ,  
Que o primor de sua dextra se apartasse  
Do que a mente dispoem , mas porque a terra  
Tenha quem tanto bem lhe annunciasse ;  
E hum crépusculo (em quanto o que desterra  
De todo as sombras densas não chegasse  
Sol de Maria ) veja na Esther nobre ,  
Que a luz prometa , que inda não descobre.*

## 193

*Porque de mil sò em metade goza*

Joseph de  
Anuq.

*A lorte Esther: Maria entre milhares:*

*Essa he de hum Rey de Reynos cento esposa:*

*Do que rege esta o Cee, a terra, os mares:*

*O ouro a coroou a Esther fermosa:*

*A Maria porèm ( posto que impares*

*A seu diadema ) pares leis de Estrellas,*

*Com de dozena ser, inda as mais bellas.*

## 194

*Se Esther em brando animo converte*

*De hum Principe terrivel, & iracundo:*

*Maria o furor de outro diverte*

*De que estremece a maquina do mundo:*

*Por Esther o, a que Amor já fez inerte,*

*Revogar quiz o edicto furibundo:*

*Se Maria na supplica intercede,*

Petr.  
Dam.

*Como póde, diz Deos, não como pede.*

Mij

Maria

## 195

*Maria ao fero Amaõ, que todo attento  
 A seu galbardo ser, da divindade  
 O throno pertendeo, que o entendimento  
 Lhe nega, se a ambição lho persuade;  
 Trocada a gloria de seu louco intento  
 Em hũa eterna injuria, & da vaidade  
 Suz só padecendo a pena extrema,  
 O lança onde já mais seu povo o tema.*

## 196

*Depois deste successo, que na historia  
 Sagrada sempre igual, sempre uniforme  
 Obelisco terà onde da gloria  
 Da triunfante humildade o mundo informe.  
 Deyxou Assuero celebre à memoria  
 Dos seculos seu nome, & no conforme  
 Culto a hum Nume sò, vio sem segundo  
 Seu nobre folio, & seu vassallo o mundo.*

197

Mardoque o mostrou bem não dilatado  
 Valimento, ser deste a segurança  
 Sempre a prudencia, & que do immoderado  
 Fausto a privação firma a privança.  
 Nem outra, que a soberba, & o arrojado  
 Abuso do poder, que lhe afixa  
 A continua lisonja, o determina  
 Astro contrario à fatal ruina.

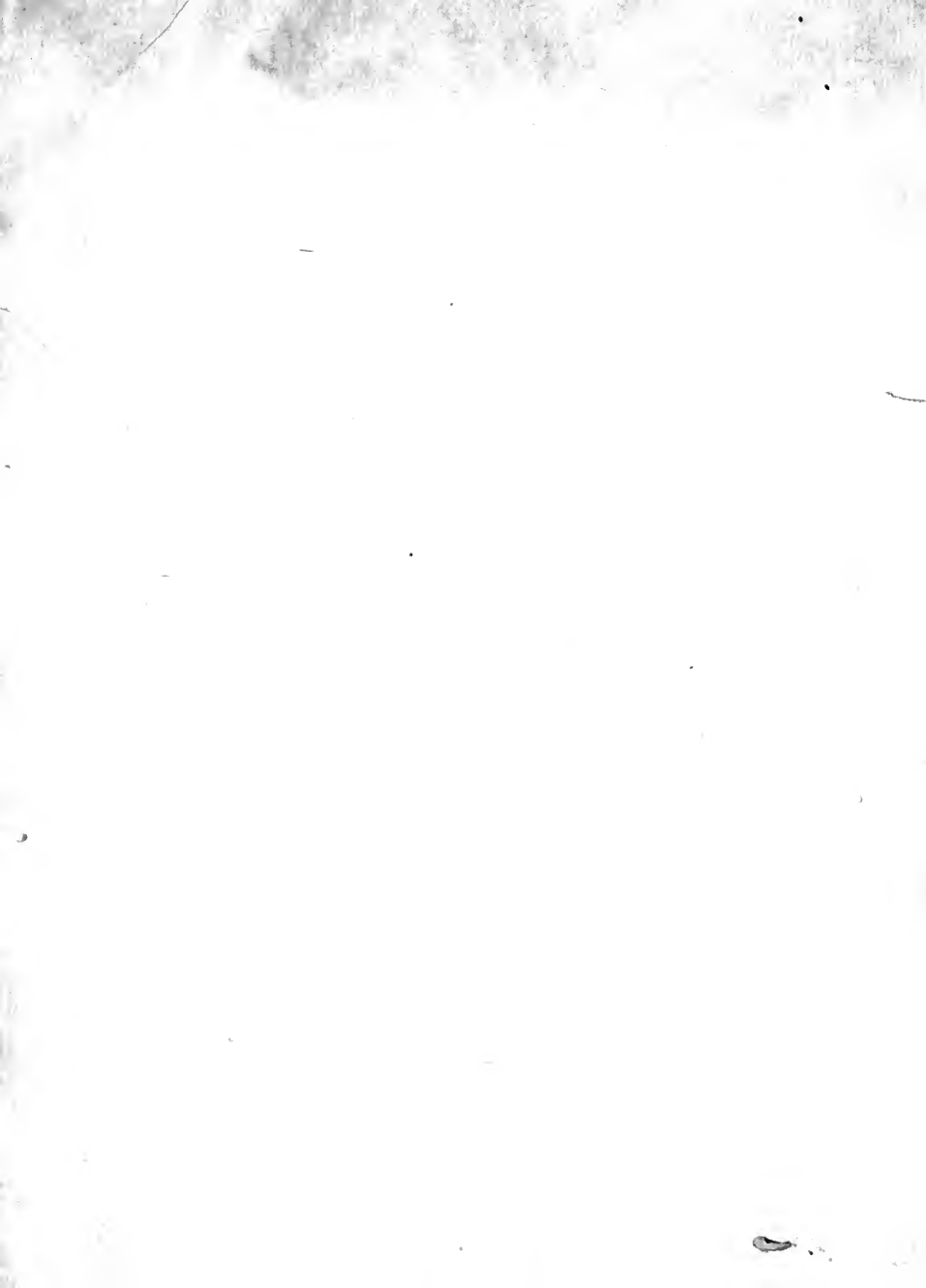
198

Esther esse tributo, de que isento  
 O diadema não he mais soberano,  
 Rendendo, outro cobrou no sentimento,  
 De que he o affecto o exacto tyranno;  
 E nos suspiros, que o seu povo ao vento  
 Entrega, se vio bem, que quanto o humano  
 Cuidado estima, & a opiniaõ o doura,  
 Neste leve elemento se atthesoura.

*Ao real Pantheão foy com famosa,  
Se magoada pompa, deduzida;  
Mas que sobrava a Esther a , que forçosa  
Pyra se faz aos mais , quem o duvida?  
Quando he certo , que tantos a saudosa  
Lembrança a seus meritos devida ,  
Mausoleos lhe dedica ( ó caso novo! )  
Quantos os coraçõens de todo hum povo.*

F I M.





1901 Historia do Rio de Janeiro

1901





